

AUTOBIOGRAFÍAS

AUTOBIOGRAFÍA DE PAP	844
AUTOBIOGRAFÍA DE PA1	846
AUTOBIOGRAFÍA DE PA2	848
AUTOBIOGRAFÍA 1	851
AUTOBIOGRAFÍA 2	854
AUTOBIOGRAFÍA 3	856
AUTOBIOGRAFÍA 4	862
AUTOBIOGRAFÍA 5	867
AUTOBIOGRAFÍA 6	871
AUTOBIOGRAFÍA 7	873
AUTOBIOGRAFÍA 8	875
AUTOBIOGRAFÍA 9	877
AUTOBIOGRAFÍA 10	880
AUTOBIOGRAFÍA 11	883
AUTOBIOGRAFÍA 12	886
AUTOBIOGRAFÍA 13	889
AUTOBIOGRAFÍA 14	894
AUTOBIOGRAFÍA 15	897
AUTOBIOGRAFÍA 16	899
AUTOBIOGRAFÍA 17	904
AUTOBIOGRAFÍA 18	908
AUTOBIOGRAFÍA 19	912

AUTOBIOGRAFIA DE PAP

Neste trabalho, de acordo com as minhas lembrança procurarei ser o mais fiel possível para relatar fatos que ocorreram em minha vida.

Nasci em 1955, na cidade de Manicoré, município do Estado do Amazonas, localizada a margem direita do Rio Madeira. Aos seis meses de vida, meus pais se separaram e eu fui acolhido pela minha avó materna, com a qual, fui viver em uma pequena localidade chamada de Estirão à 03:00 horas de barco de Manicoré, através do Rio Manicoré, na qual não tinha hospital, farmácia, comércio e muito menos escola.

Os poucos moradores existente, sobreviviam da pesca, caça, frutas silvestres, do cultivo da mandicora e da extração do latex, entretanto a minha avó por estar com a idade bastante avançada não tinha as condições dos demais.

Moravam junto conosco uma tia e mais três primas e dois primos. Com o passar do tempo os meus primos viajaram e com isso a vida se tornou mais difícil. Após completar 10 anos, a minha avó já, sem grande saúde, resolveu entregar-me para o meu pais, o qual morava em Porto Velho. Viajamos à Poorto Velho, e aí, foi quando eu vim conhecer o meu pai, no determinado dia da entrega. Senti-me como um objeto e foi um período de muito sofrimento.

Aos 11 anos foi quando tive o primeiro contato com a escola, e o meu primeiro dia de aula foi a minha segunda maior decepção. Entretanto, depois de um determinado tempo, consegui me adaptar e estudei até a 4ª série na Escola Getúlio Vargas. Fiz exame de admissão no Colégio Castelo Branco e aos 15 anos foi obrigado a deixar a escola pois a vida estava péssima. Meu pai trabalhava tirando madeira para sustentar aos 3 filhos do segundo casamento, a esposa e eu.

Aos 16 anos consegui o meu primeiro emprego na Secretaria de Agricultura do Território, a onde trabalhei quase dois anos. Em seguida foi trabalhar como aprendiz de empresário chapista em uma gráfica. Aos 19 anos, já alistado no exército, soube da existência de uma vaga na gráfica do 5º BEC, me inscrevi, fiz o teste e fui aprovado e comecei a trabalhar já como profissional.

No mesmo ano, me apresentei ao quartel para inspeção e fui dispensado por excesso de contingente.

Aos 20 anos, em uma bela tarde quando eu estava indo com uns amigos e um campo de futebol, encontro com um primo meu o qual me falou: Eu estava indo à sua casa para lhe avisar que a sua mãe está lá em casa e quer falar com você. E eu respondi: Não tenho nada para falar com ela, porém tenho curiosidade para vê-la; portanto diz a mesma, que quando eu voltar do campo passarei para vê-la. E o nosso encontro foi uma coisa fria que jamais parecia ser um encontro de mãe e filho. Afinal, a mãe que tive era a minha avó, que infelizmente após 3 anos que tinha entregado ao meu pai, ela veio a falecer.

Com 21 anos, conheci a uma jovem com qual tive meus filhos: T.K., hoje com 22 anos; L., B., com 18; L. B., com 14.

Com muito apoio de algumas pessoas no meu setor de trabalho no 5ª BEC, voltei a estudar, ingressando no curso de Ed. Integrada. No ano de 1980, concluí o meu curso de Magistério na escola Major Guapindaia e consegui um contrato para lecionar e optei para trabalhar com o curso que reiniciei meus estudos.

Sai do 5ª BEC em 79, para ingressar na Polícia Militar, assumindo a função de chefe de departamento de pessoal e folha de pagamento.

Com intenção de entrar na faculdade, prestei quatro vestibulares, sendo dois para Ed. Física, um para Matemática e um para Pedagogia, através do qual, consegui o meu ingresso tão desejado à UNIR.

Hoje, estou no terceiro casamento e tenho mais um filho oriundo do segundo que assim como o 1º, após a separação, os meus filhos passaram a viver só em minha companhia e o meu filho T. S. É um garoto muito esperto, tem 10 anos. Dois finais de semana por mês ele passa na companhia de sua mãe, que se chama M. L. S.

Neste ano de 99, tive o prazer de ser avô pela primeira vez e serei pela segunda no próximo mês de agosto.

Hoje, estou vivendo com a minha esposa S. I. S. S. Que tem dois filhos de seu primeiro casamento.

AUTOBIOGRAFÍA DE PA1

Minha infância foi complicada, pois meu pai ficou cego, logo em seguida minha mãe se separou dele e meu pai ficou com a minha guarda e a dos meus irmãos também.

Quando cheguei na adolescência, ele veio a falecer, fui para a casa de estranhos, onde passei dois anos.

Mas não deu certo e fui morar com minha mãe, uma convivência de conflitos e desafios, pois tudo que eu fazia não a agradava. E isso nos irritava e muito.

Com 18 anos consegui o emprego de monitora pois não tinha o 2º grau completo o mesmo não era magistério

No final do ano casei-me e logo tive o meu primeiro filho que aliás foi uma experiência tão linda que essas linhas são poucas para descrevê-la.

Com 20 anos fomos para o interior ou seja Distrito de Calama Baixo Madeira, onde me formei em professora, pois havia lá o Curso Logos II (magistério / supletivo), passando assim de monitora à professora, isso sempre em companhia do meu marido pois ele formou-se junto comigo.

Passando-se 9 anos, meu marido pediu-se que fizesse o vestibular **UNIR / SEMED**, pois ele não poderia fazer, já que estava metido com a política.

Assim viajei de barco rumo à Porto Velho e cheguei no último dia da inscrição, isso todos os colegas torcendo para que eu conseguisse chegar à tempo de fazer as inscrições e graças à Deus e meu marido consegui.

Mas logo fiquei triste porque tinha apenas 5 dias para estudar e eu não dispunha de livros que constatava na biblioteca e isso foi horrível.

Quis desistir do vestibular pois achava que não tinha a mínima chance de passar, retornei à Calama e no dia seguinte tive que voltar à Porto Velho para o vestibular, o barco chegou no porto era 5:00 da manhã, peguei um taxi e fui para casa da irmã do meu marido e isso sem saber onde seriam as provas.

Até que telefonaram e descobriram que era no Pe. Moretti, cheguei a tempo e tinha bastante professores como eu, mas não conhecia ninguém me senti isolada pois fui a

única professora de Calama que fez a inscrição, enquanto eu via vários grupos sorrindo e eu ali sozinha sem ter com quem conversar.

Com 8 dias saiu o resultado e minha sobrinha passou rádio para Calama avisando que eu não tinha passado, foi um choque e tanto e me sentia burra das burras.

Eu e meu marido tivemos que vir a Porto Velho ai toquei o assunto do resultado e para minha surpresa minha sobrinha tinha visto outra lista e não o da **UNIR / SEMED**, bateu aquela esperança e tudo foi concretizado, meu nome estava lá e tudo virou festa.

Isso mudou minha vida completamente, pois larguei minha vida lá e pedi transferência para cá , isso claro com o apoio do meu marido, já que ele era o diretor da escola e não tinha quem o substituísse naquele ano.

No ano seguinte ele largou tudo em Calama e veio também para cá onde continua me dando força, não me deixando desanimar.

Hoje tenho 3 filhos que mais adoro no mundo e bastante experiência, onde o que eu aprendo, tenho passar ao meu marido orientando-o e ajudando.

No período que estive em Calama, trabalhei o primeiro ano com a 1ª série, depois 2ª série, no outro ano com pré II ou seja 5 anos e os restos dos anos só com a 1ª.

Até hoje continuo com a 1ª série, onde eu trabalho a 3 anos e meio que é até o momento.

Antes que eu esqueça: a primeira escola que eu trabalhei foi a Escola Bom Jesus.

Onde trabalhei com a M, que hoje estuda aqui na **UNIR** comigo.

AUTOBIOGRAFIA DE PA2

RESGATANDO O PASSADO

Nasci no dia trinta e um de agosto de mil novecentos e sessenta e nove as dezoito horas, na cidade de Porto Velho capital de Rondônia.

Na época que nasci, meu pai era seringalista e como não tínhamos casa na cidade minha mãe morava junto com meus avós paterno. Era uma criança muito saudável e querida por todos. Quando completei quatro anos de idade meu pai deixou de trabalhar no seringal e se tornou madeireiro, na mesma época ele comprou uma casinha simples e modesta no bairro da Embratel. Lembro-me como se fosse hoje o dia em que mudamos para a nossa casa. Como eu sou a segundo filho do casal, nesse meio tempo nasceu mais dois irmãos.

Um caso bem interessante que aconteceu, quando eu tinha uns seis anos de idade, foi quando meu pai resolveu reformar nossa casa, nós tivemos que mudar para um sítio situado na BR 364 Km 40, que pertencia ao patrão do meu pai. Neste local tinha um cachorro da raça pastor Alemão, logo fiz amizade com ele e brincávamos juntos o dia inteiro. Certo dia , no final da tarde minha mãe colocou comida para o cachorro e resolvi acariciá-lo nas costas no momento em que ele estava comendo, no mesmo instante virou-se e mordeu o meu braço. Meu pai ficou desesperado e queria matar o cachorro, mas tudo terminou bem graças a Deus.

Após um ano tivemos que voltar para casa. Nasceram mais dois irmãos, agora éramos uma família de seis irmãos e muito felizes.

Quando meu irmão mais velho, completou oito anos de idade, meu pai o colocou na escola, lembro-me que neste dia chorei muito, querendo ir também para escola, mas como meu pai não tinha ainda me registrado, eu não podia ser matriculada. Mas para fazer a minha vontade, meu pai me colocou para estudar com a professora Graça que dava aula de reforço perto da minha casa . Fiquei deslumbrada com a notícia e quase não dormi a noite anterior. Estudei dois anos com a professora Graça, onde fui alfabetizada e inspirada no sonho de ser educadora.

Aos oito anos de idade fui estudar na Escola Estadual, tendo que recomeçar tudo de novo.

Mas como toda felicidade dura pouco, aconteceu tudo que eu não desejaria que tivesse acontecido . No ano de 1978 meu pai ficou muito doentes e foi diagnosticado que ele estava com manchas nos pulmões. Os problemas na minha vida foram surgindo, meu pai teve que se afastar de nós, minha mãe já não se entendia mais com ele e com isso as brigas foram surgindo. A família que tanto admiravam já não existia mais.

Meu pai saiu de casa muito doente e foi morar com meu avô (paterno) e para completar ainda mais meu sofrimento, minha mãe por vingança nos proibiu de vê-lo . Parecia que tudo tinha acabado para mim, meu pai era e é uma pessoa muito importante e não queria aceitar aquela separação. Foi então que resolvi fazer aula para ficar junto dele.

No ano seguinte minha mãe casou-se novamente, vendeu a nossa casa e acabou com tudo que nós tínhamos e fomos morar no interior no baixo-madeira no distrito de São Carlos. Se distanciar do meu pai foi muito dolorido, principalmente quando minha mãe me obrigou a chamar meu padrasto de pai, foi difícil ter que suportar isso. Voltei a estudar novamente e consegui concluir a 2ª série . Nossa situação financeira não ia bem, minha mãe e meu padrasto resolveram voltar morar em Porto Velho. Perdi mais um ano de estudo perdido e ainda tive que trabalhar junto com meu irmão mais velho, vendendo geladinho na rua para ajudar nas despesas de casa e pagar o aluguel . Meu padrasto bebia muito e quando ficava embriagado causava brigas violentas.

Certo dia cansada dessa vida resolvi procurar meu pai, mas foi inútil ele já não morava mais no mesmo local, então resolvi ir para casa da minha avó materna. Minha mãe pensando que eu tinha ido para casa do meu pai, foi a Demec (Delegacia do menor) à minha procura. Ao me encontrar fui levada a delegacia e em seguida para casa.

No ano de 1982 retornamos para São Carlos, tivemos que construir nossa própria casa, meu padrasto conseguiu um emprego na prefeitura. Voltei à estudar, agora aos 13 anos de idade, cursando a 3ª série do primário. Quando tudo parecia voltar ao normal, aconteceu uma tragédia. Ao derrubar uma árvore de açaí minha mãe quebrou o braço. Ela veio para Porto Velho e passou seis meses fazendo tratamento . Ficamos o tempo todo sozinhos e o que fez eu esquecer um pouco a situação era o tempo que passava na escola.

Aos quatorze anos, cursando a 4ª série, por força do destino fui obrigada a casar por conseqüência do meu padrasto que me maltratava muito. Como morava no interior, teria

que seguir os costumes e os valores do local. Então deixei de estudar, mas como eu era muito querida pelos meus professores, recebi muito conselho para voltar a estudar. Foi então que resolvi enfrentar todos preconceitos e me tornei a primeira jovem casada que estudava naquele local.

Em fevereiro de 1985, tive o meu primeiro filho, neste ano não pude estudar, mesmo tendo apenas concluído a 5ª série, fui convidada a dar aula para o mobral, foi a maior emoção que senti naquela época, parecia um sonho.

No ano seguinte voltei à escola, engravidei do meu segundo filho e consegui um emprego de auxiliar de limpeza. Quando terminei a oitava série, o Secretário de Educação me nomeou Monitora de Ensino atuando diretamente em sala de aula. Passei mais um ano sem estudar, por não ter o 2º grau onde morava. Mas graças à Deus que no ano seguinte foi implantado o 2º grau, nasceu o meu terceiro filho e em 1991 nasceu meu quarto e último filho.

Em agosto de 1993 quando estava cursando o 3º ano do 2º grau, surgiu o projeto Escola Viva elaborado pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) que firmou uma parceria com a UNIR para realizar um curso de capacitação de monitores. Não pensei duas vezes mesmo não tendo concluído o 2º grau consegui a vaga, assinando um termo no qual eu só receberia o certificado do magistério mediante o certificado do 2º grau colegial.

Tive que deixar meus filhos em São Carlos com o meu marido e vir morar em Porto Velho. Foram oito meses de luta, mas consegui concluir os dois cursos. Em maio de 1994 retornei à São Carlos, achando que não teria mais chance de fazer um curso superior, não por falta de vontade e sim falta de condições. Mas em 1995 surgiu dentro do projeto escola viva o curso de nível superior, não pensei duas vezes me inscrevi passei e até hoje estou cursando. (13/07/99).

AUTOBIOGRAFIA 1

Nascemos em março de 1960 na cidade de Manicoré – AM. Quando menciono nascemos é porque sou gêmio com uma irmã. Depois de três meses de nascido meu pai separou-se da mamãe, que sem condições de criar duas crianças, resolveu doar a menina para uma irmã dela.

Nesse mesmo ano de 1960 viemos para Porto Velho, indo morar nos altos do Rio Candeias, passando dois anos naquele lugar, quando minha família resolveu voltar para o Amazonas. Ficamos morando de 1963 à 1965 numa cidade chamada Borba; lá minha mãe conheceu o senhor J.S.V. e resolveu casar-se com ele. Esse cidadão que me deu o referencial de pai.

Em 1964 meus pais resolveram ir morar num sítio a margem direita do baixo Madeira para trabalhar na lavoura de fumo, verdura e mandioca; durante esse período perdi o contato com minha irmã gêmia que ficara em Manicoré. Até então não sabia o que era escola.

Novamente em 1967 voltamos para Rondônia, para morarmos no Candeias, hoje Município de Candeias do Jamary. Nesse município continuamos no serviço de lavoura, a minha irmã mais velha estava na cidade trabalhando de doméstica e estudando. Em 1969 meu pai resolveu nos mandar para cidade, viemos residir num bairro chamado S.D., neste mesmo ano mamãe me matriculou na Escola do Território de Rondônia M.M., próximo ao 5º BEC, hoje Escola Estadual de Ensino Fundamental C.R.W., situado na rua do mesmo nome.

Ao retornar para Porto Velho, minha irmã gêmia, também retornou, e voltamos a ter contato. Neste mesmo ano mudamos para o atual bairro Tucumanzal, mais continuei estudando na primeira escola. Nesse escola fiz a 1ª, 2ª e 3ª séries, terminando a 4ª já na Escola P.C. No ano de 1971 meu pai faleceu, as coisas tornaram-se mais difíceis, tive que trabalhar para ajudar no orçamento de casa.

Depois da perda do meu pai, minha irmã mais velha passou a administrar a família, achamos melhor mudarmos novamente, fomos passar a residir no bairro da E. Com a mudança terminei o meu primeiro grau na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, tendo que interromper meus estudos em 1979 para servir o exército na cidade de Humaitá – AM; ao sair do exército por necessidades financeiras tive que ir trabalhar em uma mineração, no Novo Aripuanã – MT.

Retornei para Porto Velho em 1984, matriculando-me no primeiro ano de magistério na Escola Estadual C.D., onde estudei somente um ano, parei novamente por motivo de trabalho. Em 1986 recebi uma proposta para lecionar no baixo Madeira na localidade “Mutuns”; em março do mesmo ano, fui fazer um levantamento da comunidade e do patrimônio da Escola S.J.

Foi uma experiência difícil, pois nunca tinha me deparado com tanta calamidade, dias depois retornei para a Secretaria de Educação, com diagnóstico da instituição; conversando com o secretário, disse a ele, que não iria voltar, não queria mais o emprego; lá nem escola tinha, havia somente, um barraco caindo.

Depois conversando com a minha irmã que já era professora e, havia começado pela zona rural resolvi atender seu conselho; retornei para comunidade, expliquei que nunca havia dado aula, mas que queria ajudá-los. Duas semanas depois, levantamos uma casa de palha e comecei os trabalhos, com muitas dificuldades, claro!

Não tinha luz, água tratada, nem uma estrutura, nos primeiros meses foi bastante difícil, pensei várias vezes em desistir, mas ao mesmo tempo pensava naquele povo, que de uma maneira ou de outra necessitavam da pouca experiência profissional que tinha; fui aos poucos me adaptando e adquirindo experiência. Trabalhei dois anos nessa localidade, aprendi bastante com aquele povo humilde, tenho certeza que ensinei o pouco que sabia.

Por falta de apoio da Secretaria de Educação, e precisando ganhar maiores experiências num centro maior. No final de 1988, transferir-me para o Distrito de São Carlos na margem esquerda do baixo Madeira, já com mais segurança, fui lecionar para a quarta série, lá iniciei O Logos II, atual Fenix, alguns meses que estava naquela comunidade, a Secretaria resolveu encerrar O Logos II nos Distritos.

Nos meados de maio de 1989, fui eleito para a direção da Escola H.D., na mesma localidade, tendo administrado essa escola por dois anos. Nesse mesmo ano conheci uma pessoa muito especial para mim, minha esposa, nos casando em 1990, nascendo nesse ano também meu primeiro filho. No final de 1990, por problemas de adaptação da minha família tive que me transferir para Porto Velho.

Nesse retorno terminei o magistério pelo Logos II, fiquei trabalhando como vice-diretor da Escola M.I. no bairro C.S. Em janeiro de 1992, fui transferido para a Escola Nacional, no bairro Nacional, onde continuei como vice-diretor.

Nesse mesmo ano resolvi sair candidato a vereador pelo PSB, não tendo obtido êxito, indo depois das eleições para São Carlos novamente, onde participei de uma outra

eleição, desta feita para administrador do Distrito, dessa vez sendo eleito pela comunidade, não assumindo o cargo por problemas políticos. Continuei na localidade dando aula. Em 93 tornei a ser eleito para administrar aquele estabelecimento de ensino.

Novembro de 95 fui reeleito para a direção, foi quando surgiu esse curso de Pedagogia convênio UNIR/SEMED, a minha esposa e eu prestamos seleção e, conseguimos a classificação, novamente tivemos que retornar para capital.

Atualmente trabalho no período da manhã na Escola Estadual de Ensino Fundamental M., a tarde na Escola Municipal de Ensino Fundamental S.P.

Hoje com maior experiência, estou contente por ter vencido muitas deficiências que tinha antes de iniciar este curso. Sei que estes quatro anos não vai ser suficiente para me tornar um profissional a altura, mais pretendo assim que terminar este curso, prestar vestibular para o curso de Língua Portuguesa, para que possa melhorar muito mais e, quem sabe um dia voltar para São Carlos e retribuir para aquela comunidade a oportunidade que me propuseram.

AUTOBIOGRAFIA 2

Meu nome é S.S.P G., nasci no dia 07 de junho de 1973, as 10h35min. de parto cesariana, sou filha de R. G. e S. P. G . Tenho a pele clara, cabelos cacheados e olhos castanhos.

Sou a filha mais nova dentre os quatros irmãos, não me recordo muito de minha infância, o único momento que realmente me lembro foi quando eu ganhei uma boneca (no meu aniversário), que na época era uma das mais caras, ela era do meu tamanho e dava alguns passos, tinha como nome “Amiguinha”, acredito que este nome era pelo fato da mesma se igualar em tamanho com crianças. Eu era de poucos amigos, mesmo porque meus pais não permitiam tê-los.

Aos 7 anos aconteceu algo que na época não fez muito sentido para mim, pois ninguém parou para me explicar, como e porque aquilo aconteceu, foi quando perdi minha mãe. Eu estava na fase que tudo era brincadeira, fantasia, viajei para Manaus junto com minha irmã e mãe, chegando lá, minha mãe ficou doente e certa dia saiu com minha tia e até hoje não mais a vi. Só vi foi muito choro e todos falando que não era justo, porém na minha cabeça eu não compreendia o que não era justo.

As coisas lá em casa mudaram muito sem minha mãe, meu pai logo conseguiu uma moça, dizendo ele que era para cuidar da gente, só que na realidade ela foi ficando e hoje é nossa “madrasta”.

A minha infância continuou, só que não mais na minha casa, fui morar com uma amiga de minha mãe, ela tinha filhas de minha idade e nós nos entendíamos bem; só sentia quando elas ganhavam presentes e eu não. Porém era divertido em outros momentos, isso me fez distrair e esquecer a fase complicada pela qual estava passando. Meu pai não sentia muito minha falta, pois ele nesse tempo tinha outras preocupações (madrasta e seu filho, meu irmão que estava por vir).

Minha vida escolar iniciou-se no Jardim de Infância “B.N”, onde fiz o pré-escolar, no primário eu estudei no antigo “H.K.T.” e o ginásio e magistério no Instituto Estadual de Educação “C.D.”.

Optei pelo magistério não porque gostasse, mais por ser o curso que me oferecia maiores opções de trabalho, e como lá em casa a situação não ia bem, o papai não tinha condições para cobrir todas os nossos gastos, comecei a trabalhar cedo.

Meu primeiro emprego foi em 1988, tinha 15 anos de idade, foi em uma Escolinha de Educação Infantil “A.”, lá trabalhei durante 2 anos, aprendi e ganhei muitas experiências, porém, ainda não simpatizava pelo magistério. Entretanto, não deixava de realizar meu trabalho com responsabilidade e seriedade.

Não sinto vergonha em afirmar que minha vocação não é o magistério, contudo o realizo com muito empenho.

Neste ínterim, namorei muito e me apaixonei várias vezes, só que tudo escondido, porque meu pai não permitia e minha madrasta me regulava e falava tudo para ele.

Quando terminei o magistério, sai distribuindo meu currículo na maioria das escolas particulares e logo fui solicitada pela Escola Professor “C.C.”, onde iniciei com a turma de Alfabetização, lá permanecendo durante 7 anos. Nesse decorrer, consegui um contrato emergencial na Prefeitura Municipal, foi de suma importância a realidade e as experiências que pude vivenciar na escola pública, nada comparada com a realidade da escola privada.

No decorrer desses anos conheci e namorei com meu atual marido, tivemos uma linda filha, que é a coisa mais importante para mim. Foi bem na época em que ela nasceu que prestei vestibular e passei para a Faculdade de Pedagogia. Foi conflitante eu decidir se dava prosseguimento a faculdade, ou se, de certa forma, sacrificava os primeiros anos de vida de minha filha. Pensei bastante e decidi que a estaria ajudando tantos em termos culturais como financeiro se continuasse a faculdade. Graças a Deus decidi certo, hoje estou concluindo, e sinto-me muito mais segura e, posso e tenho muito mais a oferecer a ela.

Atualmente estou trabalhando na Rede Estadual, pois à algum tempo a Prefeitura não oferece concurso. Esta é outra realidade super gratificante (rede estadual), uma vez que estou trabalhando com alunos de periferia, que trazem experiências ricas em termos de vida.

Termino afirmando que nem sempre o que sonhamos pode se adequar ao que pretendemos na vida, porém o que temos e conseguimos é digno de incluirmos aos nossos sonhos.

AUTOBIOGRAFIA 3

Uma Pequena Autobiografia

Eu me chamo A. M. C. M. L., nasci no dia 08/11/66 em uma pequena cidade do interior do Ceará. Lá fiquei até os 9 anos, quando tive que morar em outra cidade para continuar estudando, pois morávamos no sítio e lá só tinha até a 3ª série. A professora era minha própria mãe, que era professora do município, a mesma é hoje aposentada sempre como professora. Quando terminei a 3ª série, minha mãe mandou-me para outra cidade, Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte, porque ela sempre quis que nós estudássemos, mesmo com muita dificuldade, pois sou filha de uma família humilde. Lá nesta cidade fiquei por um ano. No ano seguinte, minha mãe resolveu mudar-se para outra cidade, pois já não era somente eu que precisava sair de casa para estudar, a minha irmã também. Assim, mudou-se para a cidade de Tabuleiro do Norte-CE. Foi nesta cidade que estudei da 5ª série até o último ano do magistério.

Fiz o ginásio na Escola AM, uma escola estadual. Quando terminei a 8ª série fiquei com uma grande dúvida se fazia magistério ou colegial. A minha mãe, como era professora queria que eu fizesse magistério, pois seria um curso que me daria uma profissão, e seria mais fácil conseguir um emprego, já que no interior do Ceará é muito difícil emprego. Então fui fazer magistério na Escola Francisco Moreira, mas sempre preocupada se era isso mesmo o que eu queria. No último ano do magistério entrei em desespero quando fui fazer estágio de regência. Isso me tirou o sono por várias noites, pois eu tinha medo de não conseguir dar aula na frente da professora de estágio. Pois um dia perguntei a ela o que aconteceria se não conseguisse, ela me disse: reprovou você. Isso me deixou muito angustiada. Minha mãe falava que era a primeira vez que me via tão preocupada com alguma coisa.

Escolhi uma sala da 2ª série, a professora da sala era também minha professora no magistério. Ela foi uma verdadeira amiga. Fez tudo o que podia, porque me deu força nesse dia. Assim aquilo que tanto me amedrontava passou a ser mais fácil. Lembro que me sai muito bem e vi que não era nada daquilo que eu pensava. Só não imaginava que no ano seguinte já fosse assumir uma sala de aula.

Em fevereiro de 1985 minha mãe resolveu me mandar morar em Fortaleza com uma tia minha, foi lá que comecei a minha vida profissional. Minha tia era Assistente Social e conseguiu um emprego, numa escola comunitária de uma favela, para que eu trabalhasse como professora. Em princípio fiquei apreensiva, mas logo resolvi que era melhor aceitar, assim iria ganhar meu próprio dinheiro. Ao chegar na escola fiquei surpresa. Era uma escola grande, com um espaço físico bom, tinha muitos alunos, pois funcionava até a 8ª série. A dona da escola era uma pessoa muito simpática. Disse-me que ia trabalhar com a alfabetização, só que fiquei apenas duas semanas nessa sala, pois chegaram mais professores, os mesmos eram cedidos pelo Estado. Sendo uma escola comunitária, tinha convênio com o Município e o Estado. Outros professores eram pagos pela própria escola, que era o meu caso. Fui trabalhar com o jardim, descobri que a outra professora do jardim era uma moça da minha mesma cidade, nós até já nos conhecíamos. Passamos a trabalhar em conjunto, pois o jardim funcionava num grande espaço que não tinha paredes. Ela era uma pessoa divertida, gostava muito de cantar e brincar, assim juntávamos as turmas para brincarem juntas. Este foi o meu primeiro trabalho.

Fiquei durante todo o ano letivo. No final do ano resolvi voltar para casa, não queria mais ficar na casa da minha tia pois não me dava bem com o esposo dela. E para não desagradar resolvi voltar para casa. Isso era dezembro de 1985. Chegando em casa lá estavam uma de minhas tias e um dos meus tios que moravam em Porto Velho, ela morava a treze anos e ele morava a cinco anos, estavam em nossa cidade de férias. Em uma de nossas conversas minha tia me fez o convite para morar em Porto Velho, perguntei a ela se seria fácil conseguir um emprego, ela disse que sim. Então resolvi que, se meus pais aceitassem, eu viria. Só que quando a gente é muito jovem não se pensa muito, pois nem pensei em vir para tão longe da minha família.

Saí de lá em 5 de janeiro de 1986, fizemos uma viagem difícil, pois naquele tempo não tinha ônibus direto. Pegava-se um ônibus de Fortaleza à Brasília, de Brasília à Cuiabá, de Cuiabá a Goiânia, de Goiânia à Porto Velho. Sei que cheguei aqui no dia 10 de janeiro daquele ano. Logo que cheguei, pensava que nunca mais veria meus familiares. Foi aí que me dei conta de como era distante.

E grande foi o choque ao chegar aqui, pois naquela época, aqui em Porto Velho era grande o número de casas de madeira. Tudo era estranho, primeiro porque eu nunca tinha visto uma casa de madeira, pois apesar de haver morado numa cidade do interior, tudo lá era organizado. Aqui tudo era feio e sujo. Minha tia morava no bairro Nova Porto

Velho. Eu sentia muita saudade de casa, de meus pais, de meus irmãos e principalmente da minha irmã M. Nós duas éramos como unha e carne, conversávamos muito e aqui estava eu separada dela, sem ter para quem contar minhas coisas. Ela também teve que ir embora de casa pois queria continuar os estudos, queria prestar vestibular para medicina. Como fez e não conseguiu, tornou-se enfermeira e, até hoje estamos longe uma da outra.

Voltando a minha chegada em Porto Velho, já é começo de fevereiro do mesmo ano, minha tia tinha que voltar a trabalhar. Resolvi que ia no trabalho com ela, a mesma trabalhava numa escola perto de casa, dava para ir à pé. Lá fomos nós e grande foi o susto quando cheguei na referida escola, pois era uma escola comunitária toda de madeira e muito feia. Nunca tinha visto uma escola como aquela.

Mas logo no primeiro dia descobri que todos os que trabalhavam nesta escola eram pessoas maravilhosas, já queria que eu conseguisse um emprego de professora e ficasse lá. Estava faltando professor. Passou alguns dias e continuei indo para escola com minha tia. Uma grande amiga da minha tia perguntou-me se queria mesmo trabalhar de professora, pois se eu quisesse ela iria conseguir um contrato para mim. Disse que sim, pois tinha vindo para trabalhar, entreguei os meus documentos para ela e no dia 26 de março de 1986 assinei meu contrato de professora no município de Porto Velho, onde continuo sendo professora até hoje.

Fiquei trabalhando na escola onde minha tia trabalhava, ou seja, a Escola Comunitária Bom Jesus, que hoje tem o nome de Centro Educacional M. No começo foi muito difícil, mas a diretora da escola foi como uma mãe, fez tudo por mim, deu-me todo o apoio necessário. Lá fiquei por três anos quando tive que sair, pois como a escola era comunitária e estava sendo assumida pelo Estado e com a desmunicipalização do ensino não podia mais ficar lá. Foi difícil demais para mim já que lá todos eram como uma grande família, todos ajudavam uns aos outros (inclusive a colega PA1, que faz faculdade comigo hoje, que fazia parte desses professores).

Saindo da Escola Comunitária BJ, fui trabalhar numa escola particular, denominada Centro Educacional CC, que tinha convênio com a Prefeitura, pois naquela época eram poucas as escolas municipais. Fiquei lá por um ano. Nessa Escola continuei trabalhando com o pré escolar. Não deu para ficar mais lá pois já havia me casado, constituindo família, e tinha a minha filha J. Foi no ano que começou o horário corrido dos professores na prefeitura e a diretora da escola não aceitava que trabalhasse somente 6 horas. Porém continuei trabalhando numa outra escola particular por mais dois anos,

também com o pré escolar, foi quando mudamos para o bairro do A. Aí resolvi que não queria mais trabalhar em escolas particulares conveniadas com a Prefeitura, queria trabalhar em uma Escola Municipal. Com esse propósito verifiquei que próximo de casa tinha uma escola com um alto grau de prestígio, a Escola Municipal de Primeiro Grau P.C. que na época era muito difícil conseguir uma vaga no corpo docente, quase como ganhar na loteria, mas mesmo assim tentei e não desisti até conseguir uma vaga, estando até hoje nesse estabelecimento educacional municipal.

Ao chegar lá no primeiro dia fiquei muito surpresa com algumas posturas da diretora, mas não desanimei, pensei comigo, que apesar da filosofia da direção da escola, era nessa escola que eu ia ficar. No primeiro ano trabalhei com o Pré-Escolar, no ano seguinte trabalhei com a 2ª série onde fiquei por três anos, depois fui trabalhar na 3ª série, dando continuidade a minha turma. Fiquei dois anos na 3ª série quando fui para a 4ª série, também dessa vez acompanhando minha 3ª série. Já fazem 3 anos que estou ministrando aulas na 4ª série, é muito bom trabalhar com alunos de 4ª série, pois já são alunos que conseguem serem mais responsáveis, demonstrando mais interesse e personalidade.

A Escola P.C. onde leciono a sete anos e que representa boa parte da minha vida profissional merece um comentário mais significativo. Ela comporta uma área bastante espaçosa, com onze salas de aulas, biblioteca, quadra coberta, pátio, sala de dança, consultório e praticamente quase todas as dependências de uma escola modelo, funcionando nos três turnos letivos. No passado a escola já contou com um excelente quadro docente, o qual foi paulatinamente diminuindo em razão de vários fatores, estando em franco processo de degradação, com reflexo no nível educacional e na confiança que a comunidade tinha nessa escola. A falta de professores capacitados e comprometidos de fato com a educação e não meramente interessados no emprego torna nossa atividade e postura conflitantes com o restante do corpo docente, ensejando vários debates sobre como traduzir um ensino de qualidade e o papel do educador no sistema de ensino público. Procuramos contribuir para elevar o baixo rendimento escolar. Os professores que lecionavam para as 4ª séries, eu incluída, verificaram que os alunos vindo das séries anteriores tinham dificuldade no acompanhamento, porque apresentavam falhas em seu ensinamento.

A oportunidade de cursar um curso superior era uma aspiração antiga e buscada com muita ansiedade. Todas as minhas três irmãs já haviam alcançado esse degrau e lá estava eu, ainda sem conseguí-lo. Terminei o Magistério em 1985 e não tive interesse

em prosseguir nos estudos, tendo havido após essa data muitas mudanças em minha vida, como já relatado anteriormente, ou seja, a mudança de cidade, de Estado, a conquista de emprego, meu casamento, o nascimento de minha filha, a sonhada casa própria e outras pequenas mudanças que desviaram não de propósito meus sentidos da necessidade de continuar os estudos. Assim, somente em 1994 senti a necessidade de voltar aos bancos escolares. Antes de conseguir passar no vestibular para Pedagogia, tentei por outras duas vezes, sem sucesso, mas sem desisti pois confiava em minha capacidade e tinha como exemplo minhas irmãs que saíram do mesmo ambiente que eu e haviam conseguido chegar lá. Considero como meu maior incentivador o ex-presidente do Sintero e então Secretário Municipal de Educação, professor R.S. Em uma festa da escola em que o professor R.S. estava presente, ele me chamou e falou de um projeto que estava tentando fazer e que quando fosse concretizado, eu não deveria perder, pois era uma oportunidade única que se estava dando para os professores, isso foi no primeiro ano que ele assumiu a SEMED e somente no quarto ano foi que ele conseguiu realizar esse projeto. Inicialmente ele promoveu encontros, palestras e finalmente um curso pré vestibular, para os funcionários da Prefeitura. Não tentei o vestibular em princípio mais ele me fez ver que precisava voltar a estudar. Nesses encontros e com o curso pré vestibular ele deu condições de pessoas como eu, de rever seus conhecimentos para estarem aptos a prestar um vestibular. Depois de promover o pré vestibular, conseguiu firmar um convênio entre a Prefeitura Municipal de Porto Velho e a Universidade Federal de Rondônia, via Fundação Rio Mar com o objetivo de ministrar um curso de Pedagogia para oitenta alunos que conseguissem ser aprovado em vestibular. Acredito que essa foi realmente a grande oportunidade desses oitenta professores de alcançarem um nível mais elevado.

Depois de dez anos afastada de livros e cadernos na qualidade de aluna, verifiquei o quanto estava desatualizada em vários assuntos e tomei conhecimento dos avanços acontecidos na educação. Desse dia em diante passei a dar todo o incentivo aos professores que ainda não possuem um curso superior e é também meu desejo não parar quando concluir o presente curso, já que o aprendizado é conquistado dia-a-dia e somente se atualizando é que estarei apta a ter uma visão abrangente da minha realidade e do meio que me cerca. Esse curso está me fazendo uma pessoa melhor, mais capaz e não somente no plano profissional. Está me auxiliando em todos os campos da minha vida, além de alargar o rol de amizades, está me dando oportunidade de falar com pessoas intelectualizadas e com isso enriquecendo minhas capacidades.

Fazendo um paralelo entre a forma e o conteúdo que ministrava em minha sala de aula, posso garantir que houve uma sensível melhora, onde incorporei aquilo que ia aprendendo, deixando de utilizar determinados conceitos ou atitudes. Isso tem me levado a em algumas ocasiões ser discriminadas por parte de meus colegas professores, com a desculpa de estar “inventando” coisas, mas isso não me faz desisti.

Quando comecei o curso tinha muita dificuldade que aos poucos estou superando. Comecei a ter mais gosto pela leitura, e tenho recebido muito apoio de minha família, principalmente do meu esposo e de minha irmã caçula, que me ajudam em tudo que podem. Já fico pensando quando terminar o curso de Pedagogia, em fazer um curso de especialização em Psicopedagogia, pois sou apaixonada por tudo que diz respeito a psicologia educacional. Esse curso de Pedagogia veio no melhor momento de minha vida, já que estou de bem com a vida e sem filhos pequenos para cuidar, podendo me dedicar por inteiro ao curso.

Minha vida profissional atualmente é totalmente direcionada para a educação, onde estou atuando a mais de doze anos. Nessa área tive muitas alegrias e grandes decepções, principalmente na falta de reconhecimento por parte das autoridades do valor do nosso trabalho. No entanto, quando vejo alguns de meus ex-alunos tenho a gratificação de saber que aquela pessoa é o que é graças ao meu trabalho como professora. Quanto ao futuro, espero ter oportunidade de atingir alguns de meus objetivos ainda não conquistados, como a compra de um carro com o meu próprio salário. Para isso, esse curso me dará condições de desempenhar melhor meu trabalho e também ser melhor remunerada. Acredito que ainda tenha muito para viver e nem cheguei na metade de minha vida.

AUTOBIOGRAFIA 4

Meu nome é B. C. M. , nasci no Setembro 1960, às vinte e duas horas, numa terça-feira, pesando 3.500kg, na cidade de Tabuleiro do Norte CE, quem me ajudou a nascer foi uma parteira e o parto foi na minha casa, no meu primeiro ano de vida foi muito difícil, estava sempre com infecção intestinal, e a minha mãe me levava para curandeira e ela falou um dia para minha mãe que me batizasse com o nome de B. , só assim eu iria sobreviver, e de acordo com as nossas crenças estou hoje aqui fazendo minha autobiografia. Somos de uma família de classe média, onde eu sou a terceira, de seis filhos legítimos e uma filha adotiva, minha mãe doméstica e meu pai profissional autônomo (mecânico), ambos já estão aposentados, sou casada, nordestina e tenho um filho de dezessete anos.

Da minha infância as lembranças são fortes, pois meu pai nos criou com muitas dificuldades pelo fato de sermos de uma família grande e era só ele quem trabalhava, minha mãe contribuía muito, lembro que ela sempre foi muito dedicada, boa esposa e boa mãe, econômica, tudo era muito bem distribuído. Eu lembro que meu pai dizia: “pode faltar tudo, mas comida nunca vai faltar para os meus filhos”. Nós morávamos no interior e quando ele viajava para capital Fortaleza, sempre sobrava um dinheirinho e ele comprava frutas como: uva, maçã, etc... Nossa! A gente achava o máximo, nós vivíamos pedindo para ele comprar um brinquedo chamado “o burrinho maluco”, era da Estrela, e um dia ele em uma das viagens à Fortaleza comprou, foi nossa maior felicidade, para brincar tínhamos que revezar, as vezes acabava em briga, sempre tinha aquele que queira levar mais vantagem.

E assim, o tempo foi passando e chegou a época e irmos para escola, agora imagine, seis filhos, éramos uma escadinha, todos precisando de material escolar, farda e calçado, lembro do nossos livros, comprava-mos de segunda mão dos filhos dos senhores considerados ricos da minha cidade, e assim conseguimos estudar. Dos três filhos mais velhos era eu, quem fica em casa ajudando minha mãe nos afazeres domésticos, e os dois meninos iam para oficina ajudar o meu pai. Lembro uma parte da minha adolescência chata, de acordo com o nascimento dos três menores a carga maior de trabalho era minha pois dos três maiores eu era a única mulher e por existir a predominância machista do nordestino, homem não fazia afazeres domésticos e acabava sobrando pra mim. Lembro também que nunca dei trabalho para estudar, nunca fiquei de recuperação, meus irmãos do

contrário deram tanto trabalho, que um terminou o ensino médio, cinco terminaram o primeiro grau e eu estou aqui terminando minha faculdade.

Ainda na minha adolescência, todos nós desde pequenos sempre fomos criados muito presos em casa, pouco saíamos e quando saíamos éramos acompanhados dos nossos pais. Lembro que nosso lazer era todos os domingos à tarde irmos para casa dos nossos avós que moravam na zona rural e lá a gente se soltava, corríamos, jogávamos, brincávamos debaixo dos pés de laranjeira tirávamos goiaba, ciriguela, e carnaúba. As vezes depois de muito pedir quando eu estava de férias, ia passar uma a duas semanas na casa da minha avó materna, e foi aí numa dessas férias que estava acontecendo uma enchente nos rios de todo Vale do Jaguaribe, perto da casa da minha avó tinha um rio muito grande que estava transbordando, e fomos olhar, eu, minha avó, uma tia e duas amigas, aos poucos fomos nos aproximando da beira do rio e caímos num redemoinho (eu, minha tia e minha amiga), das três só quem sabia nadar era minha tia e nós duas não deixávamos ela nadar para nos salvar pois agarrávamos a ela e as três afundavam, foi horrível bebemos bastante água, meu tio estava do outro lado do rio pescando, minha avó gritou e ele foi quem nos salvou, essa é uma parte de minha vida que acho difícil e não gosto de lembrar.

Fui crescendo e os desejos de adolescente foram surgindo como: passear na pracinha, ir às festas, brincar carnaval, namorar, e foi aí que os conflitos começaram, tanto minha mãe como meu pai não aceitavam e foi uma fase muito difícil também, poucas eram minhas amigas, minha mãe, não deixava que eu fosse a casa delas, nem elas podiam vir a minha casa. Lembro que eu só podia sentar na calçada todas as noites para conversar com os amigos, sempre diante deles (pais), e às nove horas entrava para dormir, os garotos queriam me namorar mas tinham medo do meu pai, me lembro que eles faziam serenata na janela da minha casa, ah! Eu achava lindo! Romântico. Nessa época estava cursando o ginásio ou seja são as séries de 5ª à 8ª, continuava sendo muito difícil para o meu pai, pois todos estavam cursando e a necessidade de material escolar era bem maior, lembro também que nessa fase passávamos o ano inteiro esperando o desfile de 7 de setembro, cada escola queria desfilar melhor e mais bonita.

Durante toda minha juventude namorei com três rapazes, um era da escola que eu estudava. A gente se falava no final da aula, dentro da escola nem pensar, o segundo foi namoro de férias pois o mesmo estudava em Fortaleza, e o terceiro foi o que flechou meu coração, uma paixão avassaladora, foi a partir daí que a minha vida começou a fazer uma

reviravolta, lutei contra tudo e contra todos, estava cega de paixão, todos viam que ele não era a pessoa ideal pra mim, sua educação e seu princípios não batiam com os meus, mas mesmo assim eu teimava e me encontrava as escondidas com ele, e foi aí que minha vida virou um inferno, ele era um boêmio, não trabalhava, meu pai fez de tudo, mas não conseguiu me mostrar a realidade, acredito que foi a forma que ele usou para me separar do namorado, passei um mês sem estudar, estava iniciando o magistério, eu estudava em outra cidade, consegui uma bolsa de estudos, ia e voltava todos os dias de ônibus, quase que perdi o ano, os professores foram compreensivos comigo e passaram trabalhos. Meu pai nunca tinha me batido, levei uma surra de corda aos dezessete anos, fiquei toda marcada, me prendeu dentro de casa meus irmãos me vigiavam, houve muita turbulência, desafeto, brigas, muito rancor, as vezes eu chegava a odiar toda aquela situação, diante de tudo aquilo eu já estava com dezoito anos e fugi sozinha de casa, fui para casa de uma amiga enfrente à minha casa, o fato é que a mãe da minha amiga juntamente com a família do meu namorado fizeram meu casamento e fui morar com a sogra, sem nenhuma estrutura, os dois desempregados, fiquei sem comunicação com minha família seis anos, já no primeiro ano de casamento, tinha conseguido emprego e ele não, só estudava (faculdade) comecei a ver tudo que minha família tentou me mostrar e eu na época não tive maturidade de enxergar. Os tempos se passaram e eu cresci muito com o sofrimento e sempre achando que o marido iria mudar, foi quando chegou o filho, e a situação ficou mais difícil ainda eu já não tinha mais controle sobre o nosso relacionamento.

No terceiro ano do casamento, ele terminou a faculdade e veio em busca de emprego aqui, eu era louca, apaixonada morria de amores por ele, consegui transferir meu emprego pra cá, na época trabalhava no Bradesco, chegando aqui fui morar na casa de umas amigas conterrâneas, e ele ainda estava desempregado, foi muito difícil, ele sempre foi cabeça fira, consegui alugar um quarto de madeira numa estância com banheiro coletivo, imagine onde fomos parar! E como se tudo não bastasse engravidei usando “DIU” (uma espécie de preventivo), não tinha assistência médica, quase morri com hemorragia, fui parar no Hospital de Base, mas consegui reverter toda situação com ajuda de Deus. Os tempos passaram e ele conseguiu um contrato no estado para ensinar, começamos a dar a volta por cima, mudamos para um lugar digno de se morar, compramos o necessário, mas quando pensei que tudo ia muito bem, a vida infernal começou, ele consumia bebida alcóolica excessivamente, programas e mulheres, isso perdurou por mais um ano, e foi quando eu dei um basta em tudo, meu filho estava com cinco anos, criei

coragem e me separei, foi quando voltei as pazes com minha família e todos vieram aqui me apoiar. Nessa época trabalhava no Banco do Estado. Não demorei muito e me casei de novo com um rapaz da minha cidade que veio morar aqui desde pequeno e ironicamente o destino fez a gente se encontrar. Esse segundo casamento já dura dez aos, não tive filhos com ele, mas aquela paz, união amizade que buscava no outro encontrei nesse, os problemas existem mas com o amadurecimento o sofrimento do outro, consigo resolvê-los muito bem. Saí do Banco e consegui um contrato, para trabalhar na educação, onde estou até hoje.

Já estou morando em Porto Velho há quatorze anos, trabalhando na educação há doze anos, e minha vida profissional na educação é quase toda transcorrida dentro da Escola AF.S., estou prestando serviço desde 1989, é a minha segunda casa, me realizo trabalhando na escola, tenho um conhecimento bem vasto no que diz respeito ao trabalho que a escola presta a comunidade. Tem uma metodologia de trabalho sério, transparente e principalmente com o compromisso de priorizar o aluno, entendo que é o elemento principal no processo de ensino.

Passei quatro anos atuando na pré-escola, tenho certeza que aprendi muito com as crianças de 6 anos e contribui também no seu processo de conhecimento. Trabalhei mais quatro anos na sala de 1ª série, outra experiência muito rica, e em seguida fui trabalhar um ano na Sala de Leitura e TV ESCOLA, e hoje estou na parte administrativa da escola atuando como Vice-Diretora, uma nova experiência, acho muito importante para mim, aos poucos estou conhecendo todo o contexto da escola.

Acredito que, hoje depois de toda situação e problemas enfrentados, estou muito mais segura de mim, não tenho medo de enfrentar os desafios do contrário eu preciso de desafios, são eles que alimentam a minha ambição sadia de crescer como pessoa e como cidadã, acredito também que quem me deu forças para ir em frente, batalhar, dar a volta por cima, foi o meu filho, do todos os meus objetivos de vida, ele está à frente, trabalho e vivo em função dele, digo, faço tudo para realizar seus sonhos e objetivos, quero dar pra ele tudo o que eu queria na minha infância e adolescência e o meu pai não pode me dar, e juntamente com os sonhos e objetivos dele, tento realizar os meus paralelamente, mas sempre os deixando em segundo plano, e para mostrar que realizo também meus sonhos, estou terminando a minha primeira faculdade aos trinta e oito anos de idade.

Hoje, posso me considerar uma pessoa feliz não me esquecendo de toda a carga que me compete. Mas o que mais me preocupa neste momento é a nossa instabilidade

como funcionário público, não sei se daqui a um ano eu estarei ainda com o mesmo emprego, a situação no nosso país não anda nada fácil e principalmente para quem é de classe média. No final do ano quem vem, meu filho vai fazer vestibular fora, e as despesas irão dobrar ou talvez triplicar, tudo isso me preocupa muito, tenho certeza que tudo vai dar certo. Tenho também planos para fazer uma pós-graduação em psicopedagogia e também a complementação das disciplinas para fechar minha habilitação em supervisão, administração escolar, ou orientação educacional, no campo material, estou fazendo economia para comprar um carro, as coisas caminham para dar tudo certo, e tendo a certeza que logo, logo, eu volto para minha terra e voltar a conviver com os meus familiares e termos um final feliz. Quem sabe! Chegando lá, estruture uma escola e continue a cumprir minha missão como educadora.

AUTOBIOGRAFIA 5

Eu M. C. S. , em 1963, nasci numa cidadezinha chama da córrego do café, no município de Ecoporanga, Estado do Espírito Santo.

Cidade ricamente produtiva mas de difícil acesso. A condução mais favorável era: cavalos, burros e carroças.

Segundo meus pais a vida era ferroa, de sobrevivência precária.

Não tínhamos onde morar e trabalhamos de arrendatários em lavouras de café, para um senhor chamado A.G. Minha mãe e minhas irmãs eram quem iam para colheita do café. E o meu pai viajava com tropas de animais fazendo fretes, em busca de dinheiro para nossa sobrevivência. O que eles ganhavam era tão pouco, não dava para sobreviver.

Quando completei 3 anos de idade, meus pais resolveram ir embora para Bahia, lá minha mãe recebeu a tão triste notícia, meu avô havia morrido em Minas Gerais, o qual morava lá. Sua herança estava guardada com seu irmão mais velho.

Ao receber sua parte compraram uma chácara e foram trabalhar em suas próprias terras, onde residimos até os meus 09 anos de idade.

A terra produzia bem e era farta mas também de difícil acesso,. Não tinha escola, apenas uma única sala de aula paga pelos pais, com aproximadamente 6 Km de distância, onde minhas irmãs estudaram até a 2ª série. Na época eu já tinha 07 anos, mas ainda não estudava pois era muito doente, sofria de hérnia no umbigo e tinha fortes dores. Era anêmica e não agüentava no umbigo e tinha fortes dores. Era anêmica e não agüentava caminhar para longe.

Eu tinha (2) duas amigas que brincavam comigo uma era comadre Rê e outra comadre N. As brincadeiras de minha infância, entre todas as mais preferidas por mim e minhas colegas, eram: casinha, cantiga de roda, piquenique, anelzinho e caí-no-poço.

Ali era mesmo um paraíso de diversão, mas tinha coisa que eu não gostava como: ajudar na colheita e na fabricação de fumo, raspar taquara para fabricar peneiras e ficar em casa sozinha, com pessoas que não eram de minha família.

Quando eu estava sozinha tinha medo de tudo, que algo de ruim viesse acontecer comigo. Fui vítima de agressões algumas vezes, presenciei fatos que não gostaria que acontecesse em minha casa. Meu pai era alcoólatra, maltratava minha mãe, dormia nas estradas.

Eu via minha mãe andar pela casa a noite toda, e olhar na janela esperando a chegada de meu pai, eu sofria também em ver o sofrimento de minha mãe.

Todos nós trabalhamos na roça. O que colhíamos era vendido na cidade chamada Teixeira de Freitas. Eu e minhas irmãs passávamos o dia inteiro na colheita de coisas para vender. A noite juntava toda família para amarrar feixes de cebolas, restas de alho, despencar bananas até às 3 horas da manhã. Papai arrumava os animais, às 3 horas e 30 minutos saíamos tocando os animais a caminho da cidade.

O frio era tanto, eu tremia e chorava durante a viagem. As 6 horas da manhã nos estávamos disputando um local de venda de nossos produtos. Era com o lucro das vendas que minhas irmãs fazia as compras, a tarde voltávamos para casa.

O tempo foi passado e os pequenos colonos venderam sua terras aos fazendeiros e ai nos fomos ficando emprensados por eles, soltavam os animais em nossas roças, já o que ganhávamos não dava nem mesmo para consertar as cercas, os danos causados pelos vizinhos.

Então meus pais resolveram vender nossas terras, e mudamos outra vez mudar para outra cidade, chamada caixaõ - sem forro, no mesmo estado.

Sofremos muito por ser recém chegados e o local era de extrema pobreza; ninguém podia ajudar alguém que chegasse. Mesmo assim plantávamos a única planta que produzia, a macaxeira na colheita transformava à em farinha para vender. Ali moramos 2 anos também não tinha escola, continuava a mesma vida de sempre, só não ficava mais sozinha porquê não tinha nem fumo e nem peneiras para comercializar, mas a necessidade era maior.

Mesmo com tantas as dificuldades papai pagava um professor para mim ensinar, suas atitudes e métodos arcaico marcou muito a minha infância. Ele me batia, colocava de castigo na tampas de garrafas. Com ele estudei um (1) ano.

Outra vez papai resolveu mudar, mudamos para Rondônia, ai eu já estava com 11 anos de idade. Ao chegar aqui em Jarú, 30 de Outubro de 1974, me matricularam à escola E.S.B. na Br. 364, Entre Jarú e Ouro Preto, com a professora Nilza, com ela em alfabetizei, eu andava 2 Km e meio 1/2 para chegar à escola.

A distância foi quem mais marcou me: o medo dos porcos do mato, da onça dos bichos preguiças e outros animais selvagens, tinha medo também das pessoas nós, das brigas dos colegas da classe.

Conclui a 1ª 2ª e 3ª série do 1º Grau. Em 78 eu já não estudava porquê as escolas ensinavam só até a 3ª série, e por esse motivo eu teria que estudar em Jarú. Papai muito rígido, não aceitou a idéia, tive que parar. Mais uma vez meu pai resolveu mudar da linha 632 para a linha 617 em Jarú, isso já em 78. Também era muito difícil, viajamos (3) três dias, estrada de mata, serra e muitos troncos de árvores pelo caminho. Carregávamos nas costas sarrapilha, jamachim ou sacos com mercadorias.

Tudo era muito dificultoso, todo esse percurso era para chegar em nosso sítio onde minha mãe até hoje mora, sozinha viúva a (5) cinco anos.

Ali conheci o meu ex - marido, em 79 casei me, e com ele vivi 19 anos. Aos 17 anos tive a minha primeira filha em maio de 80, em 82 o segundo filho, aí os meus sonhos de completar meu estudo ficou em segundo plano. Mas não desisti, continuei sonhando.

Meu terceiro filho era muito doente, sofria de hérnia, bronquite e fimosé, eu só vivia no hospital com ele, minha juventude passei quase toda cuidando de meu marido e meus (5) cinco filhos.

Minha vida conjugal era de brigas constantes, a cada vez que eu sofria reforçava ainda mais a vontade o sonho de liberdade para poder concluir meus estudos. Morávamos em meu sítio, tinha muita fartura, galinhas, porcos, frutas etc. O mais importante eu não tinha, a paz a liberdade de poder conversar, passear, ou até mesmo ir a casa de meus pais sozinha, o ciúme de meu marido era insuportável.

Então vendemos o sítio e mudamos para cidade lá comecei a trabalhar alternativa, eu era semi - analfabeta, a necessidades aumentaram.

Resolvi estudar enfrentei resistência do meu marido e comecei estudar, estudava a noite em casa através de módulos e ao final ia fazer as provas no centro supletivo de Jarú. Conclui a 4ª série e comecei estudar a 5ª mais não cheguei concluir por causa das mudanças de uma cidade para outra. Estudei em Presidente - Médice não conclui tornamos mudar desta fez foi de Médice para a linha Triunfo entre Jamari e Cadeias do Jamari. Onde até hoje possuo um sítio, neste sítio tem uma escola. Na época em 89 não existia ninguém que tivesse aumenos a 4ª série, comecei juntar as crianças daquela localidade e levei para dentro da escola e fui dar aulas gratuitas, sem livros, sem giz ou sem qualquer um outro recurso.

Somente as velhas cartilhas que eu tinha em casa e ajuda de colegas de outra localidades. A carência cultural e financeira dali era muito grande.

Quando o executor do INCRA, DR L. soube do que estava acontecendo começou fazer visitas em minha casa, levava roupas usadas e sapatos usados e remédio para distribuir com as crianças carentes daquela escola.

Então após um período de 03 meses fui convidada a participar de um curso na SEMED, e por fim contratada em 30 de abril de 1990.

Aí comecei novamente estudar através de módulos era o logos II 2º Grau. Tudo foi muito difícil por quê eu trabalhava o dia todo com as 04 séries 1ª e 2ª manhã e 3ª e 4ª a tarde, eu ia à cidade pegava os módulos e levava para estudar em casa a noite, no final de semana ia fazer as provas conclui em 10 meses. Ao voltar para casa, eu saltava 6 Km de distância as 09 horas da noite eu ia andando e a onça atrás de mim, no outro dia seguinte alguém ia buscar os livros na entrada linha e encontrava os rastos da onça em cima dos meus rastos.

Trabalhei cinco anos naquela escola chamada M.M.F. da S.. Lá eu executava todas as funções de uma escola.

Finalmente Candeias do Jamari - manicipou-se, Triunfo deixou de ser município de Porto Velho, fui obrigada a vir embora pra-cá, logo não demorou saiu o anuncio do vestibular, resolvi presta-lo e graças DEUS passei foi uma grande surpresa e muito mais alegria quando o meu querido amigo trouxe a notícia para mim que eu havia passado no vestibular.

Comecei estudar se DEUS quiser tenho muita fé que vou superar todas as dificuldade e concluir os meus estudos.

AUTOBIOGRAFIA 6

De J. R.S. , brasileiro, maranhense, desquitado, funcionário público, portador da RG nº de Rondônia, CPF nº, nascido no Janeiro 1942. Filho de A.J.S. e de I.S.S. , ambos natural do Estado do Maranhão.

Por consequência do destino fiquei órfão materno aos sete anos e paterno com onze anos, durante esse período de sete e onze fui passado de mão em mãos de famílias responsáveis por mim, e nunca me aproximei de escola. Só aos desessete anos quando sair do interior para cidade já por conta própria , é que aprendi a assinar o meu nome e de imediato arrumei emprego de braçal pressionado pela sobrevivência da cidade.

E, logo procurei uma escola de periferia e passei a frequentá-la, infelizmente por pouco tempo. Porque derrepente, resolvi a viajar para Porto Velho um novo sentimento de esperança me ascendeu um fogo de aventureiro, em busca de vencer, e assim embarquei junto a 2.500 outros aventureiros em um navio da Marinha Brasileira, no primeiro de abril de 1960. Disse adeus ao solo maranhense para enfrentar as feras dessa região naquela época, bem como: febre amarela, terçica preta, hoje cientificamente conhecida como hepatite, o mosquito de picada venenosa, que após vinte e quatro horas era uma ferida, deixando escuriações na pele, água contaminada com todos os tipos de verminose e especialmente hidropisia, isto é, à barriga d'água melhor conhecida.

Depois que trabalhei e venci todas essas dificuldades, resolvi a parar às aventuras e partir para a realidade, ficar na cidade e estudar, em fim, eu fui para o exército 1964. E, logo fiz matrícula em uma escola desta cidade denominada D.S.A.S., a mesma me prestou teste de capacitação fiquei para frequentar a 2ª série primário, neste mesmo ano passei e fiz a 3ª série, fui aprovado no fim do ano.

Logo veio o ano seguinte, eu fiz a 4ª série e a seguir em 1966 fiz o programa de admissão.

Mais uma vez por motivos de família que eu a constitui, fiquei parado dois anos, retornando em 1969 na escola de comércio para fazer o básico da 5ª a 8ª série para ingressar na escola pela segunda vez para fazer o 2º grau de comércio e conclusão do curso profissionalizante Técnico em Contabilidade terminando em dezembro de 1975. Com esse curso comecei a lecionar, apesar de professor leigo, trabalhei no Mobral, depois SEB e por último supletivo para educação de jovens e adultos.

Até aqui como Técnico em Contabilidade, CRC nº 2749 pelo Conselho de Contabilidade do Estado do Amazonas, eu era simplesmente professor leigo, por isso mesmo voltei à escola para fazer o Magistério entre 1979/1981 no Colégio C.D., isso sem parar de trabalhar na sala de aula, que hoje caminha para 24 anos interrompidos de vivência com crianças na tarefa de ensino aprendizagem.

Frequentei vários cursinhos, simpósios e prova de conhecimentos com às equipes técnicas do estado e município. Fiz vestibular 5 (cinco) vezes e passei em duas, a 1ª pelo núcleo da Universidade do Estado do Pará, para cursar no Estado do Acre, eu não fui liberado pelo emprego, fui obrigado a optar, fiquei com o emprego pela sobrevivência dos filhos.

Já desta vez, quase sem estímulo, exausto pelo trabalho e a idade, resolvi mais uma vez e na qual fui aprovado e aqui estou eu! Trabalhando, estudando e procurando me adaptar a esta juventude da qual faço parte. Para mim, foi uma experiência que me deu prazer, felicidade, sempre foi um grande sonho na minha vida, embora eu já esteja findando a carreira. Mas posso dizer ainda, «combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé».

Durante esses últimos três anos, tenho ouvido e vivido conhecimento e capacidade de professores experientes e pascentes transmitindo princípios educacionais. Eu reconheço que o profissional em educação é acima de tudo, um grande patriota, imortal pela grandeza de seus benefícios cívico na defesa da pátria.

Obrigado professores, todas nações do mundo especialmente o Brasil reconhece e agradece os seus ideais.

AUTOBIOGRAFIA 7

Eu, R.J.P.A. , nasci em agosto de 1962 na cidade de Pinheiro, Estado do Maranhão. Fui alfabetizada por minha mãe que era professora e tinha uma escola, o nome desta escola era “Escola Municipal M.P.”. Quando passei para a 1ª série tive que ir para outra cidade morar com meus tios, pois a escola de minha mãe só tinha até a alfabetização, que na época era chamada de “cartilha”. Chegando na casa de meus tios foi estudar em uma escola municipal juntamente com minhas duas primas, estudei nessa escola até a 4ª série, da 5ª a 7ª série estudei em outra escola chamada “P.J.A.”. Da 8ª série até o 2º grau (na época), estudei num colégio de Padres, por sinal muito rígida.

Nessa época fazíamos o 1º ano básico, e tínhamos que optar em fazer magistério, contabilidade ou científico, que eram os cursos que as escolas da época ofereciam. Eu fiz o magistério. Terminei o 3º ano em 1981 e em 1982 fiz o adicional. Em 1983 parei de estudar e fui trabalhar, não na minha profissão de professora, pois nesse tempo era muito reduzido o número de professores nas escolas, daí fui trabalhar de caixa em uma loja de confecções, trabalhei por 2 anos, mas como o salário era pouco saí e fui trabalhar com meu tio em uma distribuidora de bebidas como chefe de escritório, fazia toda a contabilidade da firma, mesmo sem Ter o curso de contabilidade, “aprendi a fazer fazendo”. Nessa firma trabalhei 5 anos, daí resolvi vim embora para Porto Velho, pois já tinha um irmão que morava aqui. Cheguei em Porto Velho no 1 novembro de 1988 e no dia 11 de novembro comecei como auxiliar de escritório. Morava na Rua A.P. e perto de onde eu morava tinha uma escolinha particular chamada "A.M.", todos os dias eu passava lá e via as crianças brincando e dava vontade de ir lá perguntar se tinha vaga para professor.

Um dia conversando com uma amiga a qual o filho estudava lá, fiquei sabendo que estavam selecionando professores para preencher o quadro de funcionários, foi aí que tomei a iniciativa e fui falar com a diretora. Chegando lá foi entrevistada e falei que tinha feito o magistério e nunca tinha tido a chance de exercer essa profissão. A diretora pediu que eu comesse a trabalhar no dia seguinte, pois era mês de fevereiro e estava sendo feita a decoração das salas de aula. Fiquei tão contente que no mesmo dia pedi demissão da firma em que trabalhava.

Comecei a lecionar pela primeira vez em Fevereiro de 1990 nessa escola com uma sala de 1ª série de 20 alunos, foi um dia muito tenso, fazia 8 anos que eu tinha terminado o

magistério e estava muito desatualizada; daí comecei a participar de cursos e encontros promovidos pela “SEMED” e assim fui me atualizando e aperfeiçoando na área de Educação.

Quando surgiu as inscrições para o vestibular da Rio Mar – SEMED não pensei duas vezes e fiz. Graças a Deus fui aprovada e estou muito feliz em estar aqui fazendo essa faculdade.

AUTOBIOGRAFIA 8

M.E.S.G., nasci no junho de 1949, na cidade de São Luís/MA. Pais separados, família literalmente desestruturada, pois o meu pai sumiu no mundo comigo e meu irmão, e minha mãe ficou com minha irmã, bebê na época. Só aos dezoito anos encontrei com minha mãe no Rio de Janeiro. A estas alturas morava no Piauí com uma prima do meu pai, família de classe média-alta, onde aprendi muitos valores.

Adolescência rebelde para os padrões da época, fumava, biquini pequeno, mini-saia, etc. Morei no Piauí, Rio de Janeiro, Vitória. Virei cigana até que cheguei aqui, em 1990.

Terminei o magistério em 1971, no Piauí, mas desde o 2º já ministrava aula. Trabalhei uns sete anos dando aula até que fui para o Rio de Janeiro morar com minha mãe. Chegando lá não consegui de imediato trabalho. Sinceramente naquela época já considerava-me, responsável, compromissada com a educação.

Não conseguindo emprego na educação no Rio de Janeiro, fui trabalhar numa firma de publicidade; gostei da experiência. Fui morar em Vitória, onde juntei-me com o namorado na época e montamos uma firma de controle publicitário. Separei-me, voltei para o Rio de Janeiro e em seguida fui trabalhar numa boutique em Copacabana, onde trabalhei 13 anos. Até hoje quando falo com a moça que foi minha patroa, ela faz o convite para que eu volte a trabalhar com ela, daí achar-me dedicada naquilo que faço.

Vim para Porto Velho, por incentivo de uma cunhada, para trabalhar na educação, já casada pela segunda vez. Mas o casamento ia de mal a pior. O problema maior dele — o alcoolismo. Aprendi muito sobre o álcool, pois li muita literatura, participei de grupos de ajuda, tentei, dei o máximo de mim, porém não consegui e ele voltou para o Rio de Janeiro.

Em 1990 vim trabalhar na EMPSG J.V.R. numa 2ª série e assim, nos anos de 91, 92, 93 e 94, minha preferência de série é mesmo a 2ª série. Quando fui convidada a compor uma chapa de eleição na escola, acredito no convite por me destacar pela organização, compromisso para com meus trabalhos. Já aqui em Porto Velho, fiz adicional no C.D. no ano de 1992, com especialização em Alfabetização.

Passei quatro anos na direção e quando saí, já estava com problemas nas cordas vocais. Já estive na biblioteca, porém, hoje encontro-me na Sala de Leitura e devo

continuar por algum tempo, pois o cisto está diminuindo de tamanho por conta do repouso vocal e fonoterapia.

Então, na educação tenho uns 16 anos, onde tenho feito o possível para trabalhar honestamente e, mesmo tendo meus traumas, minhas inseguranças, procuro não passá-las para os meus alunos, até aqui, e tenho tido retorno do meu incentivo. O mais recente foi com relação à Sala de Leitura; trabalhava eu com um livro de literatura infantil, *A Vaca Rebeca*, e eu tinha lido ele para uma 1ª série procurando retirar o máximo deles e o que poderia acontecer no decorrer da leitura. E no dia seguinte trabalhava com uma 2ª série o mesmo livro, e um aluno já sabia tudo o que ia acontecer. Fiquei curiosa e perguntei: “você participou das aulas de ontem?”, e ele falou: “foi minha irmã que chegou em casa e contou para mim e minha mãe”. Pasmei, e fiquei supervaidosa.

Durante o tempo em que fiquei na direção, fiquei no turno em que funcionava de 1ª à 4ª série, também tive minhas recompensas. O caso que mais me marcou foi o de um aluno de 4ª série, rebelde, já envolvido com bebidas, cigarro, em que o diretor geral o suspendeu e ele falou para ele “se a E. estivesse aqui, ela ia conversar comigo”. Mas depois, quando ele voltou da suspensão, conversamos, terminei chorando porque ele me abraçou e repetiu as mesmas palavras. Hoje ele trabalha numa lanchonete na 7 de Setembro, e outro dia a dona disse que ele foi lá para trás, pois tinha desistido e sabia que eu ia falar com ele — mas prometeu que vai voltar, pois já está na 6ª série supletivo — acredito pela jornada de trabalho ele tinha desistido.

Hoje trabalho no município e no estado em Sala de Leitura, bem mais estruturada emocionalmente. Também pudera, envelhecer vale para alguma coisa, para melhor conscientização, para melhorar nossas reflexões sobre o trabalho, enfim nossa vida.

Hoje sou solteira, sem filhos; não os tive, de uma certa forma por medo, mas como já falei antes, estou trabalhando este medo com uma psicóloga e estou superando-o, aos poucos.

Poderia escrever mais sobre a minha vida; deixo para uma outra oportunidade e tenho como um dos referenciais:

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Por isso, aprendemos sempre”.

(Paulo Freire)

AUTOBIOGRAFIA 9

Sou M.H.S.C. , 47 anos, brasileira, casada. Nasci em Tocantins/Minas Gerais. Filha de B.S.S.L. e B.M.S. Meus pais eram bem nobres mas com um grande ideal de lutar para conseguir que os filhos todos seguissem os estudos e se tornassem doutores.

Guardo tristes recordações de minha infância e do meu curso primário. Estudei em uma escola particular, multiseriada e lá, presenciei muita violência da professora com os alunos. Cansei de ver colegas apanhando como se fossem culpados por não conseguirem aprender. Posteriormente fui para uma escola pública onde sofri muita humilhação quando eu cursava a 2ª série. Fui acusada de ter lido palavrões das paredes do banheiro para meus colegas. Não tive defesa porque logo, a diretora mas a professora me colocaram de braços abertos, me apontando como indecente. Meus colegas foram proibidos de me dirigir qualquer brincadeira, qualquer palavra. Meus pais ficaram revoltados ao saber do acontecimento. Nem sei como consegui terminar o primário, mas ainda me lembro bem que para ingressar no curso ginásial, tive que enfrentar o exame de admissão e as provas para concorrer à bolsa de estudos, porque o curso ginásial era pago e meus pais não tinham condições para custeá-lo. Graças a Deus eu passei nos dois: admissão e bolsa de estudos.

Minha família cada vez mais pobre e meus pais não tiveram outra alternativa senão, mandar minha irmã mais velha que acabava de se formar professora para trabalhar em Brasília no colégio «S.C.M.» e mais dois irmãos para trabalharem e estudarem em Barbacena-MG. Hoje eu analiso e compreendo que o afastamento de meus irmãos me abalou muito e naquela ocasião eu fiquei reprovada na 6ª série.

Terminei o curso ginásial em Tocantins e iniciei o 2º grau magistério em uma cidade vizinha, «Ubá», em seguida, voltei para Tocantins que acabava de criar o curso magistério. Fiz parte da primeira turma que concluiu o magistério em Tocantins.

Sou de uma família de professores: mãe, irmãos, tias, primas, etc... Comecei estudar o magistério por exigência de meu pai. Ele dizia que mulher tinha que fazer magistério para não criar problemas com o marido, porque trabalhar com crianças era aprender a cuidar também dos filhos e, um trabalho que jamais causaria ciúmes no marido.

Iniciei como professora quando eu ainda cursava o 3º ano. Foi uma grande experiência de vida para mim. Imagine uma pessoa que foi nascida e criada na cidade de repente ter que enfrentar seis quilômetros para ir e seis para voltar. Esse trabalho era em

uma zona rural, numa escola com duas salas de aula desprovida de diretor, supervisor, merendeira. Confesso que aprendi muito com meus alunos.

Ao concluir o magistério continuei a trabalhar na zona rural, ao mesmo tempo que consegui um outro emprego na cidade de «Ubá», em uma escola particular. Dei aulas para um aluno que hoje é meu marido. Em 1972, me casei e com a gravidez eu fiquei impossibilitada de enfrentar uma bicicleta para chegar ao trabalho.

No meu Estado de origem, Minas Gerais, tive muitas dificuldades para conseguir um trabalho efetivo em sala de aula, na cidade, porque eu não era concursada. Só conseguia trabalhar quando surgia substituição, mas se tornou mais difícil ainda quando tive a 2ª filha e meu marido foi transferido para a cidade de Uberlândia. Longe de maus pais foi muito difícil encontrar alguém de responsabilidade para cuidar de duas crianças pequenas. O jeito foi desistir.

Após morar dois anos em Uberlândia, resolvemos mudar para Porto Velho, com a mesma firma onde meu marido já trabalhava. Chegamos aqui em 1977 em novembro, só comecei a trabalhar na educação novamente em 1979, quando ainda «Território Federal de Rondônia» e por essa razão hoje sou funcionária federal. Em 1980 fiz concurso para trabalhar na rede municipal que ainda era pequena, com as escolas: P.C. e A.F. e algumas escolinhas na zona rural. Fui muito bem classificada, por isso tive o direito de escolher uma escola próxima de minha casa. «Escola Padre Chiquinho». Aqui também, enfrentei várias situações diferentes: trabalhava com o primário e o ginásio. Cheguei a trabalhar nos três períodos: intermediário, tarde e a noite no mesmo ano. Era jornada tripla na escola sem contar com a responsabilidade de cuidar também de meus dois filhos e com o passar de 5 anos tive o meu terceiro filho.

Fui diretora de escolas estaduais por duas vezes.

Naquela ocasião a carência de profissionais de educação era muito grande e por isso tive que passar muitas noites estudando sozinha para conseguir adquirir conhecimentos que ainda me faltam para conseguir enfrentar as salas de aula no ginásio.

Com o tempo, fui compreendendo o quanto era importante para mim ser uma professora e ao mesmo tempo gratificante estar conduzindo o ensino-aprendizagem de crianças e adultos que depositavam muita confiança em mim e eu não queria decepcioná-los. Não nego que passei muitas preocupações com aqueles alunos que cobravam minha atenção e que na hora certa e a cada ano que findava, ao fazer uma avaliação de meu trabalho, sempre me sentia responsável pelo fracasso de alguns.

Minha angústia crescia com o tempo e então eu me fazia mesma pergunta:

- Por quê uns aprendem e outros não?
- De quem é a culpa?

Preferi admitir minhas culpas e partir para um trabalho de resgate àquelas crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem.

Decidi a me dedicar ao trabalho de alfabetizador.

Como alfabetizadora, estava sempre lendo e discutindo com colegas de trabalho e supervisores uma maneira mais fácil de alfabetizar e que contemplasse a todos. Graças a Deus, consegui por 3 vezes, alfabetizar todos os meus alunos, embora tivesse que levar para casa, aquelas crianças mais necessitadas. Valeu a pena!

Sempre pensei em cursar pedagogia, mesmo porque eu sempre discordava com as normas das escolas em que eu trabalhava. Eu já tinha uma visão progressista em relação aos meus alunos e por isso, às vezes me tachavam como professora boazinha que passava alunos sem condições, por isso eu sempre acompanhava meus alunos nas séries seguintes e percebia que eles venciam as barreiras nas séries seguintes.

Em 1996 realizei meu grande sonho. Iniciei meu curso de Pedagogia. Me sinto feliz porque na universidade tenho encontrado as respostas para minhas ansiedades.

Atualmente sou diretora de uma escola municipal, «W.D.Z» e minhas preocupações não terminam quando estou fora da sala de aula, pelo contrário, aumentam. Enquanto professora eu posso intervir diretamente e como diretora indiretamente.

É lamentável que nossas escolas estejam lotadas de professores que ainda estão despreparados para conduzir o processo ensino-aprendizagem.

Na opinião de muitos professores a culpa ainda é do aluno e da família, «o fracasso escolar».

Estamos sempre discutindo os problemas das avaliações, reprovações etc... e sempre levando para essa discussão idéias novas, estudos de textos, procurando juntos resgatar a dignidade de nossa clientela. É difícil, porém não é impossível.

AUTOBIOGRAFIA 10

Na cidade de Belém do Pará, em 09 de novembro de 1954 eu ali nascendo para fazer parte daquela população, sendo a Segunda filha entre os quatros irmãos. Desde cedo sofri o drama da separação que afeta a atual sociedade. Criada pela mãe e avó, tendo que trabalhar desde cedo para o sustento da família comprometendo a infância e o segmento escolar.

Casei-me muito cedo na esperança de uma reconstrução familiar e até mesmo um rumo profissional. No entanto, flui então a decepção conjugal. Casamento desfeito com saldo de três filhas para criar, sem trabalho, sem estudo, sem uma profissão definida, mas com um sonho ainda que adormecido na esperança de dias melhores. Naquela fase sentia-me ilhada como se não fosse passar nem barco para me salvar, salvar de que? Bastaria que eu utilizasse um binóculo que estava pendurado no meu pescoço e olhar a vida, as coisas, os problemas de forma diferente. E foi isso que aconteceu. Pensei, vou continuar a estudar e logo conseguir um emprego em uma loja. Lembro-me do dia que fui falar com o gerente. Ele queria alguém com experiência comprovada. Estava eu ali discutindo com o mesmo, se ele desse a oportunidade para eu mostrar o meu trabalho, ele não iria se arrepender, e logo fui chamada no emprego, por sinal foi muito bom o meu desempenho logo entrei no magistério, isto é, a conclusão do 2º grau seguido de um curso adicional ao pré-escolar na escola “C.M” em Aquidauana – MS. Quero aqui registrar que a partir do envolvimento com o curso do Magistério fluiu a direção profissional na esperança de fazer algo para mim e para os outros. Isto aconteceu no meu retorno para Porto Velho. Quando fui contratada, em 1986, certamente na busca da sobrevivência eu trabalhava os três turnos. O mas interessante foi a minha primeira turma, foi um desafio, nova na escola fui “sorteada” com uma sala de 35 (trinta e cinco) alunos que tinha de 10 (dez) a 14 (quatorze) anos na 1ª série. Os mesmos simplesmente já tinham passado por várias professoras, sem contar que já estavam acostumados à escola uns três a cinco anos na mesma série, entre desistir, doenças da região (malária) e outros. Esse foi o primeiro contato escola e turma fora do estágio que se deu em escola estruturada no Mato Grosso do Sul.

Voltando a experiência com a turma de repetente, lembro que tinha momento que não sabia o que fazer, pois todos problemáticos naquela sala, que era um absurdo sem planejamento adequado a mesma, pois tinha que obedecer a norma da escola (supervisão)

aqueles alunos enormes subindo nas carteiras, se jogando por cima dos outros, brigavam, traziam canivete, tesouras, facas, e se agrediam até mesmo no olhar, foi quando tomei uma decisão não foi tão fácil driblar o planejamento imposto, lembro que a direção, supervisão, orientação e os professores antigos da escola, discretamente passavam na janela da sala como se falassem com os olhos- será que ela dá conta? E eu tinha que fazer as atividades escondidas simplesmente o diálogo, as músicas serviam como suporte ao meu conteúdo, que ali estava registrado no caderno de Plano Lógico de uma forma diferente, trabalhar poesia, a expressão profissional, retirávamos da sala de aula, os conteúdos de matemática eram feitos na oralidade do seu dia a dia, porque naquele momento eles não estavam interessados em escrever nada, rasgavam os cadernos, quebravam os lápis e ainda riam como se fosse provocar-me, porém venci-os pelo cansaço até mesmo com palavrões que passei a usá-lo naturalmente, e eu observava o espanto deles quando registrava no quadro que eles mesmo reproduzia na oralidade do dia a dia. Suas rimas eram de arrepiar os cabelos, e cada dia que passava fazia algo diferente de acordo com o humor da turma ai o milagre aconteceu. Vinte alunos desempacaram e no anos seguintes estavam fazendo parte do SEB devido a faixa etária dos mesmos. Dos outros dez alunos dois desistiram, três foram distribuídos nas primeiras séries e os outros cinco foram fazer parte de uma sala inaugural de ensino especial na escola Manaus (a mesma) juntamente com mais dez alunos ditos anormais.

No ano seguinte –1987 assumi a sala do ensino especial como se fosse mais um desafio dediquei, participei de vários cursos e seminários na área e fui me envolvendo e me identificando com o trabalho. Anos se passavam, saiam e entravam alunos, e outros ficavam retidos, mais a minoria só aqueles alunos comprometidos na minha concepção da época. Lembro-me de um aluno que veio da minha primeira turma e eu não consegui encontrar o trinco da porta de sua saída para a série seguinte, trabalhou seu comportamento, sua escrita, sua letra era bonita mas não lia trabalha com argila, fazia bonecas tipo os heróis da televisão, nos mínimos detalhes, usavam caneco amarrado em sua sacola, a hora da merenda era a sua felicidade. Repetia três a quatro vezes culpo-me por não Ter resgatado mesmo enquanto estava na escola, pois o mesmo desistiu, ele tinha 14 anos. Mas a minha caminhada continuou em 1992 iniciei um trabalho com deficientes visuais. Tive que aprender o braille para atender alunos na rede municipal. Não conformada com o tipo de atendimento que era feito de forma segregada entrava em atrito com o professor que gerenciava o trabalho. Parti em busca do conhecimento com apoio na,

época do Secretário de Educação R.S. (SE). Fui para especialização no Rio de Janeiro no IBC- Instituto Brasileiro para cegos, retornando elaborei um projeto pela secretaria e foi implantado a integração dos mesmos no ensino regular desde a estimulação visual e de 1^a a 4^a séries mais não previ os de 5^a a oitava séries levando em campo o profissional habilitado que nas séries seguintes mas levando em conta o número de alunos (pequeno) se deu o acompanhamento. Hoje temos alunos na oitava série, Como me sinto como se propusesse a fazer o bolo e este bolo cresceu tanto que a forma ficou pequena.

Quero deixar registrado uma das coisas que me marcou profissionalmente, foi quando retornei ao curso de especialização qual a minha surpresa eu estava sendo entregue para a secretaria como se fosse um profissional descomprometido pelo chefe imediato logo observei que era uma questão política e o individualismo de profissionais envolvidos na educação. Enquanto isto, os alunos ficaram quase sem atendimento, ou sem isto. Foi por um período pois logo engressei numa equipe de apoio ao educando onde se trabalhava com sala de apoio pela secretaria (psicopedagógico). Trabalhando nesta equipe, tive a oportunidade de trabalhar com professores da rede rural e urbana, envolvendo com os problemas de cada realidade. Atuei até em sala de apoio das escolas neste meio termo, aproveitando uma professora que estava disponível, apreender o braille passei para ela as técnicas e ela aprendeu, logo ela foi contratada para atender os alunos da escola Integradora, que é a escola Antônio Ferreira, que conseqüentemente envolvi os trabalhos de deficientes visuais com programa psico-pedagógico, onde hoje é uma de suas ações do projeto da equipe. Certamente este trabalho deveria Ter uma característica própria, nota-se que fica solto o trabalho de desenvolvimento do ponto de vista de uma estrutura física ou caracterizada, cogita-se uma alternativa de trabalho interdisciplinar dentro da secretaria fazendo este intercâmbio com vários tipos de deficiência e ensino regular.

Mais o que me dá satisfação é que o pouco que eu faço é muito para quem está recebendo e vou continuar esta caminhada de desafios porque sem eles não teria crescido na minha vida pessoal e profissional, um dos grandes é este curso que entrou em minha vida como os raios do sol penetrando em minha pele, dando suporte para o melhor desenvolvimento.

AUTOBIOGRAFIA 11

Nasci no fevereiro de 1967, em uma cidade chamada J.O., no Estado do Paraná, onde meus pais colocaram o meu nome W.B., cujo gosto muito de ouvir o som. Com 03 meses, mudamos para São Paulo, onde vivi até os 05 anos, e depois mudamos para Presidente Prudente, cidade localizada no interior do Estado de São Paulo, comecei então a estudar na alfabetização e fiquei nesta escola até terminar o primário. Lembro-me como se fosse hoje a minha primeira professora Dona S., os conselho que ela me dava ainda carrego no ouvido e coração.

Lembro-me também do professor da 4ª série, professor esse que foi muito importante em minha vida, pois o mesmo trabalhava em uma escola agrícola, e falava bastante sobre a mesma, coisa que foi me empolgando muito para conhecer. Mas como tudo que é bom dura pouco, passei para o ginásio, e nessa escola só ia até o primário, mudei para uma escola mais próxima de casa, porém de difícil aceitação, pois considerava a outra escola uma Segunda casa de verdade, pois conhecia os funcionários e a maioria dos professores. Passou um certo tempo para me acostumar, mas já na 6ª série comecei a fazer parte do grêmio estudantil, ai ficou mais fácil para conhecer os alunos de toda escola, já que o grêmio trabalhava com todos.

Fui permanecendo no grêmio até a saída desse escola, já no 1º do 2º grau onde aconselhado pelo professor José, fiz o concurso vestibulinho (era chamada assim) para entrar na Escola Agrícola. Para minha surpresa, consegui ficarem 23º lugar, essa escola praticamente recebe alunos de todos estados brasileiros, e alguns países vizinhos. Foi um dos dias mais feliz da minha vida, pois vi o meu pai chorar de emoção quando soube da notícia. Em fevereiro de 1986 fui morar no colégio, já que o mesmo era interno.

Nesse ínterim o meu professor J., me convidou para mudar de escola, pois havia 05 vagas para a cidade de Adamantina considerada uma das melhores do Estado de São Paulo e uma das vagas ele queria reservar para mim, então não pensei duas vezes e conversei com meus pais, que prontamente deixaram. Arrumei as malas e parti para 400 Km de distância de casa, coisa nunca antes realizada, tive oportunidade de conhecer alunos de todos os lados do Brasil então conhecer suas realidades e jeitos “diferentes” de ser. Ingressei no grupo de teatro que havia na escola e até hoje continuo atuando nessa área, pois o teatro começou a fazer parte do meu dia-a-dia, pois é impossível dar alguns conteúdos sem passar pela dramatização, recurso que sempre deu certo.

Nesta Escola Agrícola, nasceu a vontade de ensinar, comecei a perceber nos estágios que tínhamos que desenvolver, que tinha algumas habilidades na questão de trocar experiências com os alunos, os professores que acompanhavam o estágio, diziam que eu seria eu seria um bom professor, ouvia aquilo e continuava a querer fazer melhor os estágios nas escolas que ia passando. Estudei até novembro de 1988, ano em que me formei em Técnico em Agropecuária, tive a presença de todos de minha família em minha festa de formatura, que realizou-se no dia 10 de dezembro de 1988, oportunidade que conheci os pais de vários amigos, já que todos moravam bem distante.

Como presente ganhei uma passagem para conhecer o Estado de Rondônia, pois tenho 02 irmãos militares e aproveitaria a viagem para prestar concurso no CREA, chegando a Porto Velho, fui visitar a Prefeitura e saber se a mesma tinha Divisão Agrícola para trabalhar com escolares. Para minha surpresa, não havia o setor que procurava, mas a senhora que me recebeu disse:

- Você tem o segundo grau completo, e sabe datilografar?

Respondi que sim, e ela me ofereceu uma vaga para trabalhar na Divisão de Ensino, pois sua secretária iria sair de férias e ela ainda não havia arrumado ninguém para substituí-la. Prontamente aceitei, pois em São Paulo isso jamais aconteceria, mesmo assim, cheguei para meu irmão e perguntei se ela estava brincando com minha cara, e meu irmão disse, quem tinha o 2º grau aqui não é difícil arrumar emprego. Passei um bom tempo trabalhando nessa divisão e um dia a Diretora da Divisão me colocou em sala de aula, pois não conseguia arrumar professor, a partir daí não quis sair mais da sala, como tinha o 2º grau, entrei no magistério para pagar as didáticas e me formei em 1992, depois fiz adicional em alfabetização onde atuei por vários anos.

Em 1997, fui indicado para concorrer a eleição para fazer parte da direção do I.M.E. chamada Escola P., fiquei de 1997 até janeiro de 1999, onde nos transferiram para a Escola D.R., por motivos políticos.

Levei um susto quando chegamos a escola, pois a mesma se encontrava em total abandono, lutamos então por uma reforma junto ao prefeito, conseguimos só agora em junho uma pequena reforma, já conseguimos mudar a cara da escola, pois era conhecida como escola de drogados e desajustados. Dentro desses anos que atuei em sala de aula, sempre trabalhei com questões de cidadania, dando direito a todos alunos a se pronunciarem, pois sempre como já citei, trabalho com dramatização, e essa ação deixa a criança pensar e criticar o que não concordam, emitir opiniões. Durante esses anos fui

trabalhando o aluno, pois percebi a muito tempo que não temos mais família estruturada para apoiarem seus filhos no dia-a-dia da escola. Creio que muitos ainda não chegaram a Ter sucesso devido a responsabilidade que jogamos a família. Tive a oportunidade de prestar o vestibular oferecido pela Prefeitura/Convênio UNIR/SEMED, onde obtive a 19ª classificação, momento muito feliz de minha vida, pois sentia a necessidade de continuar aprendendo, tinha ansiedade e só o adicional as vezes me deixava sem responder algumas questões, hoje percebo o quanto é necessário o ato de poder crescer enquanto profissional e ajudar nossos alunos se firmarem na sociedade enquanto cidadãos, pois o que aprendemos em sala, automaticamente podemos aplicar em nosso dia-a-dia.

Considero-me feliz na profissão que escolhi, e espero não parar por aqui, pois tenho ansiedade em aprender sempre mais, e procuro ir passando às pessoas as coisas boas que vou aprendendo, pois assim vou crescendo com a troca de experiências.

AUTOBIOGRAFIA 12

Em 23 de dezembro de 1969, nascia, na pequena cidade de Piripiri - PI, um ser pequenino, porém, com grande capacidade de ser alguém na vida. Esse alguém, sou eu, R. A. M., oriunda de família nordestina, de condições de vida precária, considerando que meus pais, por serem analfabetos, não tinham, como não têm até hoje, condições de me proporcionarem uma educação voltada para a formação técnico-cultural, capaz de me lançar no mercado de trabalho, não só daquela região, mas como de qualquer uma outra.

Mais ou menos na década de 1970/ 80, vivenciei uma situação de vida rudimentar, uma vez que o meu pai trabalhava como marceneiro, quase artesanal, contando com a ajuda, infalível da minha querida mãe, que submetia-se a lavar roupas para fora, para poder suprir as necessidades da família, um tanto numerosa e etariamente pequena, o que dificultava ainda mais, a nossa subsistência.

Lembro-me, com certa frustração, da minha infância, se é que se pode dizer que a tive, pois dada a total ignorância de meus pais, vivi uma formação repressiva, onde o diálogo era a recriminação. Face a esses fatores, adquiri uma certa insegurança, que, além de me tornar um pessoa extremamente medrosa, a ponto de, ao invés de procurar solução para os problemas que me afligiam, me punha a chorar, como se a vida já houvesse acabado para mim. Ainda por cima, prejudicou, por demais, o meu processo de aprendizagem, bem como toliu boa parte da minha autenticidade, tornando-me uma pessoa um tanto restrita, a muitas coisas. Em virtude de não gozar de recursos e meios para me divertir, face a total carência de lazer na cidade, resignava-me, e gostava, de tão somente a praticar as brincadeiras típicas da minha realidade, tais como, brincadeiras de casinha, de rodas, e, por ironia do destino, já me identificava com as questões educacionais, onde, por muitas e muitas vezes, brincava de ser professora.

Ingressei na escola, aos sete anos de idade, já na primeira série, numa escola estadual, bem perto de minha casa, o que contribuiu muito para uma melhor frequência às aulas. Foi terrível essa primeira experiência, pois a minha primeira professora, era uma pessoa também fruto de uma geração repressora e oprimida, não sabendo manifestar afetuosidade, e muito menos transmitir os ensinamentos devidos, como deveriam sê-los. Essa professora era possuidora de uma arrogância sem par, a ponto de rotular as crianças, subjulgá-las, ameaçando-as, castigando-as, e sujeitando-as às mais diversas formas de

subhumanismo. O resultado de tudo isso, é que cheguei a perder o gosto pela escola e, em virtude da ignorância de meus pais, quando eu me recusava a ir para a mesma, o meu consolo era «peia», no linguajar nordestino. Conclusão: fui mal alfabetizada e, como legado, restou-me a destruição de uma vida escolar, nessa primeira fase. No entanto, nas séries seguintes, com o apoio de outras professoras, e com a ajuda da minha irmã mais velha, na execução das «tarefas para casa», fui conseguindo absorver algum aprendizado, desenvolvendo mais o meu potencial, chegando até ser classificada como uma das melhores alunas da minha turma.

A fase ginasial, na época, iniciou-se aos onze anos de idade, outra vez, depare-me com outro problema, ainda conseqüência da vida passada, chegando a me autoreprimir, face às minhas características físicas que, em virtude da minha altura e da inexpressiva musculatura, achava-me excluída do grupo de adolescentes da minha mesma faixa etária. Mas nem tudo foi horrores. À medida que eu crescia ia me identificando mais e mais com os demais colegas, participando de grupos de estudos, on-de a interação passou a ser um ponto muito importante, para uma nova fase na minha vida, considerando que tive a felicidade de integrar um grupo, naquele tempo, muito responsável, dedicado, unido e, acima de tudo compenetrado com a busca do saber.

Aos quinze anos, ou seja, em 1985, concluí o curso ginasial, porém, sem um horizonte definido, do que fazer dali em diante, uma vez que os cursos existentes na minha pequenina Piripiri, eram os de Magistério, Contabilidade e Científico, a nível de 2º Grau. Não obstante, e tendo em vista as condições do lugar, não tive outra opção, a não ser optar pelo Magistério, e o que é pior: na rede privada. Nesse particular contei com o apoio, irrestrito, da minha mãezinha, no que diz respeito ao incentivo, pois, apesar de já haver conseguido um emprego numa das escolas do lugar, não ganhava o suficiente para custear o referido curso, uma vez que não era só eu que precisava estudar; a minha irmã mais velha, também buscava a mesma formação.

Nos meus primeiros passos rumo à escola, não pude contar com o apoio de minha mãe, e muito menos de meu pai, pelos fatos já relatados. Entretanto, ela foi a real precursora da minha escalada. Tanto que, vendo as dificuldades dos meus

pais em ajudarem-me nos custos do citado curso, não medi sacrifícios para atingir o meu ideal, entrando na luta, onde fui forçada a misturar juventude, com escola e trabalho, o que tirou-me a condição de viver a juventude, e talvez até parte da minha infância, que já se tinha ido, num breve passado. Não hesitei em colocar uma tabuleiro na cabeça, com

bolos caseiros; isopor com picolés e dindins, para, assim, somar com os poucos ganhos dos meus pais, a fim de concluir o pretendido curso.

O Magistério, apesar de mal ministrado, lá na minha cidade, foi muito importante, para que eu viesse, aos poucos, modificando a minha personalidade e o meu comportamento.

Concluindo o Magistério, em 1988, obtive credencial para dar aulas, pelo menos, particularmente, mas não deixou de ser um ponto de partida para uma nova fase na minha vida. Nessa época, conheci o pai da única filha que tenho, e, impensadamente, em tese, vim morar em Porto Velho e, graças a Deus, logo que aqui cheguei, tive a felicidade de ser contratada pela municipalidade, como professora de 1ª a 4ª série, onde atuado até hoje, sempre me empenhando para conseguir mudanças, em relação à minha prática na área em que atuo, razão porque, participei e participo, de treinamentos específicos às questões inerentes à educação. E não só isso. Como todo ser humano, inteligente, a busca de melhores condições de vida, faz parte, intrínseca dessa luta e, foi ai que, em, 1994, surgiu-me a oportunidade de fazer um «cursinho» preparativo para o vestibular, patrocinado pela Secretaria Municipal de Porto Velho - SEMED, onde, mesmo enfrentando sérias dificuldades, como cuidar de uma criança com apenas três anos de idade; sem condições de pagar uma pessoa para, ao menos fazer a comida dela; marido «grosso», machista, bebedor e etc., inclusive separação, sem ter onde com quem morar. Foi nesse mesmo «cursinho» que conheci um rapaz que, apesar de ser comprometido, se identificou muito comigo, a ponto de até de despertar-me uma certa simpatia, rapaz este que conquistou o meu coração e, até hoje, convive comigo, ou melhor, ao meu lado, dando-me forças para que eu prossiga na minha caminhada, sem mais aquela insegurança e aquele medo, que não me deixavam partir para a vida. E graças ao seu apoio, em tudo por tudo, foi que eu fiz o primeiro vestibular na minha vida, conseguindo uma ótima classificação, sendo aprovada para o curso de Magistério, na conceituada UNIR, pelo qual hoje percebo que estou me apaixonando.

AUTOBIOGRAFIA 13

Eu, M.A.M., nasci no município da cidade de Piripiri no Estado do Piauí, no março de 1949.

Voltando aos anos passados de minha vida, passo a falar alguns fatos mais interessantes relacionados a escolaridade, ao profissional, incluindo alguns acontecimentos pessoais.

Nasci de uma família simples, porém batalhadora, vivendo da renda de seu próprio trabalho. Meu pai comprara terras tempos atrás, incluindo um pequeno sítio, criava animais e vivia também da lavoura. Sempre trabalhador. Eram analfabetos mas se preocupavam em manter os filhos na escola e quando não era possível estudarem fora, contratava um professor para lecionar em casa.

Eu era penúltima de um número de nove filhos, quando bem criança, ainda alcancei o tempo do professor em casa. Aos seis anos já conhecia as letras do alfabeto e já começava a aprender as sílabas mais difíceis e escrevê-las, lembro-me muito bem que o mais difícil era escrever.

Talvez por ter nascido com um problema físico, meu pai se preocupou ainda mais comigo e aos dez anos de idade fui estudar em Piripiri, morando com um casal de velhos conhecidos de minha família.

O colégio que fui estudar era mantido pelo governo, uma instituição por no “P.S.C.”, comandado por F. Lá estudei até a 4ª série, ao prestar os Exames de Admissão fui reprovada, daí tive que repeti-lo até conseguir passar no ano seguinte.

Esqueci de falar que passei só um ano com a família amiga de meus pais, no ano seguinte eles compraram uma casa na cidade e fui morar com uma irmã mais velha e a filha da mesma, e no outro ano vieram um irmão mais velho que eu, e minha irmã caçula.

Não fui uma boa estudante, não tinha incentivos e perdi alguns anos escolares, ou seja, fui reprovada nos Exames de Admissão, nas 6ª e 7ª séries, sempre em Matemática ou em Português. Na oitava série tive que sair do colégio de Freiras e fui para o colégio público, por nome “J.N.R.F.”, no horário noturno. No primeiro mês tirei boas notas, porém

em Matemática tirei nota “hum”. Com ajuda de alguns amigos passei a estudar em grupo, eles tinham material de apoio e eu consegui superar aquela péssima nota e a concluir o ginásio. Isto aconteceu no ano de 1971.

Voltando ao ano de 1970, quero dizer que foi quando passei pela minha primeira experiência como professora. Foi o seguinte: Era mais um ano político e era de praxe os prefeitos na ativa querem se recandidatarem ou elegerem seus candidatos, daí eles contratavam o que hoje nós chamamos de emergenciais no prazo que sempre terminava após concluir a eleição. Eu consegui ficar no período de 8 meses.

Eram duas salas numa casa, sendo como anexo de um determinado colégio. Numa sala cursavam os de 1ª e 2ª séries e na outra, os de 3ª e 4ª séries. Eram tidos dois professores para cada sala. Para o senhor Prefeito a coisa era perfeita, só que na realidade o êxito, ou seja, o aproveitamento das crianças eram baixíssimos. Como conseguir trabalhar bem, daquela forma? Nas salas os sons misturavam-se, pois havia apenas uma maderite até uma certa altura separando-as e em cima nada. Já para o Prefeito as coisas se encaixavam bem, pois seus votos estavam contadinhos com toda certeza. Mesmo assim, eu tentei de tudo fazer a minha parte.

Este pouco de tempo ajudou-me bastante naquela época, pois com o salário ganho pude começar a comprar meus materiais escolares e outras coisas. Até agora mesmo, serviu-me para contagem de tempo de serviço.

De 1971 a 1972 exerci a função de Professora no MOBRAL, foi bem diferente, pois lecionei numa sala de um colégio próprio para tal, com pessoas adultas, carentes e desejosas de aprender. Foram momentos agradáveis trabalhar de uma forma organizada, e obter um melhor salário.

No ano de 1972 iniciava meu curso de Magistério, na “Escola Normal .S.J.”, no antigo Colégio que havia estado antes.

Me mantia para comprar o material do curso com o salário ganho no MOBRAL, pois meu pai não mantia apenas com a parte de alimentos. No final de 1972, findou o contrato do MOBRAL.

No período de 1 ano, estive lecionando como professora leiga numa escola de 1ª a 4ª séries, com contratos renovados a cada ano, mantidos pelos deputados. Foi quando mais me firmei em sala de aula, embora cada término de um contrato até a assinatura do outro era um grande pesadelo. Comecei a dá maior atenção a minha profissão, embora eu não tenha mencionado em nenhum momento, mas não era esse o meu sonho. Incrível, como tinha sonhos bem diferentes, porém não tive opção de escolhas.

Concluí o curso de Magistério no ano de 1974. No período de 1 mes passei de professora leiga para professora formada, com isto mudava os rumos de minha vida profissional. Eu passei a Ter um novo contrato, o de professora formada, o permanente. Trabalhava dois períodos. Logo depois surgiu um contrato tipo licenciatura curta para atender algumas vagas no ginásio e eu fui contemplada por período de uma ano e gostei de trabalhar com adultos. Eu me dividia em três turnos e conseguia conciliá-los.

Em junho de 82, submeti-me a um concurso público, fui aprovada entre muitas amigas que não conseguiram, e passei a exercer em caráter efetivo, assumindo nesta data as funções de professor classe F, nível I.

No período de julho de 83 a dezembro do mesmo ano tirei meu próprio período de 06 meses de licença prêmio, aproveitei para passear aqui em Rondônia, pois aqui morava e ainda mora minha irmã caçula. Cheguei em Ariquemes onde a mesma morava, no dia 12/08 tal foi o meu espanto ao avistar a capital e cidades de Rondônia, a vontade que tive foi a de voltar no mesmo vôo.

Pelo mês de setembro, por insistência de minha irmã, assinei um contrato de 40 horas na educação mas em seguida desistir, pois achava que não ia me acostumar naquele lugar. Em dezembro do mesmo ano voltei à minha cidade. Quando voltei a trabalhar haviam me mudado de colégio, colocaram-me num colégio bem distante e por vias de politicagem não consegui voltar ao colégio de antes. Me desgostei por isso e outras razões pessoais e em julho do mesmo ano voltei para Rondônia desta vez de mudança.

Fiquei um ano tentando um contrato em Ariquemes, mas não consegui.

Em 1975 vim morar em Porto Velho sem emprego, no mesmo ano concluir o curso de adicional em alfabetização e no dia 31 de maio do mesmo ano consegui um contrato da Prefeitura de 20 horas que até hoje o tenho. Em Março 1986 consegui a custa de muitos esforços um outro contrato de 20 horas no Estado.

Foi muito difícil chegar até aqui, mas daí em diante foi melhorando. Trabalhava as 40 horas num mesmo Colégio Estadual até antes de desmunicipalizarem as Escolas. Pela

manhã trabalhava com 1ª série e a tarde com 5ª e 6ª séries. Na época havia carência de professores formados mais do que hoje e nos fomos aproveitado para tal. Como sempre gostava mais de trabalhar com os adolescente a trabalhar com as crianças.

No ano de 1987 casei-me e mudei-me de bairro e de Escola também. Em outubro de 1988 tive meu único filho, o R., uma das razões do meu viver. Sofri muito tendo que deixá-lo em creches ou por conta de secretárias adolescentes, mas foi vencida essa fase. Em 1988 trabalhava três turnos e cada um em colégio diferente, foi quando desmunicipalizaram as Escolas e, quando também, passei no concurso público e dobraram meu contrato do Estado para 40 horas, foi um período de péssimas recordações, pois devido ao excesso de trabalho não tive tempo de ir ao médico e nesse intervalo abortei meu segundo filho, inconseqüentemente.

Me revoltei bastante com a situação, pois daí em diante não pude mais Ter filhos e atribuí esta perda a minha grande auto eficiência no trabalho, deixando a outra parte a desejar. Passei a me desgostar mais da profissão, mas continuei trabalhando. Tive vários concursos que poderiam mudar o rumo de minha vida profissionalmente, mas por medo, covardia e até mesmo por me sentir incapacitada, nunca tentei nem mesmo o vestibular.

Em 1992, fui convidada para assumir um vice-direção de Escola do Governo, fiquei por lá uns 04 anos e 05 meses, por falta de não Ter completado os 05 anos nada ficou vinculado no meu salário. Neste período surgiu a inscrição do vestibular da Prefeitura. Lembro-me bem que ouvi o comentário no ônibus e já era o último dia e sem incentivo de ninguém resolvi no outro dia me inscrever mesmo sabendo que já havia cessado as inscrições. Para minha surpresa prorrogaram as inscrições pelo fato de os professores não terem recebido pagamento, por via disso eu consegui me escrever. Passei com notas baixíssima mas consegui, graças a Deus.

Iniciei o curso com bastante dificuldade, pois minha bagagem resumia em apenas um Magistério com matérias mais voltadas para o estado, metodologia e didática.

Pela Prefeitura sai de sala-de-aula em 1997, ficando apenas com as 40 horas do Estado em sala-de-aula. Consegui, por alegar que não poderia trabalhar todos os turnos em sala-de-aula, estando neste curso. Este ano, no mês de maio, aposentei-me do Governo do Estado. Agora, continuo no Serviço Social numa creche filantrópica, emprestada pela Prefeitura mas estou sempre auxiliando a parte educacional com as experiências adquiridas no curso. A tarde fica para resolver problemas, vez por outra estudar e acompanhar as tarefas do meu filho que está concluindo a 4ª série primária.

Tempos atrás eu pensei em desistir do curso, por causa da jornada de trabalho que levava após a aposentadoria. Já não penso mais. Continuo tendo dificuldades no curso, mas com fé no meu Deus errei concluí-lo.

Desde o princípio do curso conto com a amizade de três amigos: E., W. e J., os quais tem me dado uma grande força. Continuo com dificuldades de assimilação no meu curso, embora tenha melhorado bastante. Em tudo que conclui este curso procurarei uma sala-de-aula para por em prática tudo que tenho aprendido nele. É claro que onde estou tenho acesso a salas-de-aula e aproveito bastante para levar a até aos educandos aquilo que for necessário para o melhoramento do ensino.

Eu louvo a meu Deus por Ter tido a oportunidade de Ter aceito Jesus como meu único e verdadeiro Senhor, aconteceu numa Igreja Batista, congrego até hoje nesta mesma Igreja. Levo uma vida de benção e isto me faz amenizar as minhas decepções que já às são bem amenizadas.

Mas uma vez agradeço por todos quantos tem me ajudado nesta jornada, pois eu só tive a ganhar. Foram tantas as mudanças neste espaço de tempo que, eu só tenho a agradecer pelos responsáveis pela criação deste curso. E a persistência em mudanças contínuas.

AUTOBIOGRAFIA 14

Sou natural de Teresina, Estado do Piauí. Filha de M. C. e O. M. Venho de uma família humilde. A minha infância foi muito boa, apesar de alguns probleminhas de saúde, aprontava bastante e deixava minha mãe louquinha. Comecei a estudar com seis anos de idade. Sempre gostei de estudar e com isso, tinha muita facilidade em aprender. Nunca deixava passar nada, procurava aproveitar o máximo.

Minha mãe tinha o cuidado em nos levar para o colégio e no final da aula, sempre estava lá, esperando no portão. A preocupação maior de minha mãe era quando eu insistia em ir à aula com uma tremenda crise de asma, pois, na minha concepção, se eu faltasse iria reprovar, quando isso acontecia, a Diretora me levava de volta para casa. E assim foi todo o primário.

Quando foi para eu fazer o ginásio, fui estudar em uma escola distante e com isso ficou mais difícil deslocar-me para mesma, mas isso fez com que eu amadurecesse, ou seja, deixando mais aquela infantilidade.

Foi a partir daí que comecei a despertar para o namoro, para o fumo, esse eu não gostei nem pouco. Apesar de começar a despertar para estas coisas, eu sempre procurei dar um limite para esse meu despertar, porque a cobrança por parte da minha família era muito grande.

Quando terminei o ginásio, minha irmã fez minha matrícula em uma Escola Particular, foi quando comecei a estudar o Científico. Porém, as condições financeiras não permitiam que eu continuasse a estudar nesta escola. Foi onde que eu tive que fazer um Curso Técnico (Administração de Empresa) em uma Escola Pública. Porém a maior dificuldade era o deslocamento, pois, para chegar à escola, tinha que pegar dois ônibus. Entretanto a vontade de vencer era maior e fez com que eu não desistisse. Durante esse tempo, participei de grupos de dança, teatro e grêmios estudantis.

Nesta época, comecei a compreender melhor o que significava lutar pelos nossos direitos, pois estava o tempo todo participando de movimentos de greve e protestos estudantis.

Quando conclui o curso, comecei a passar por um grande conflito, porque, queria trabalhar e não podia por ser menor de idade, pois conclui o curso com dezessete anos.

A partir daí, comecei a dar aulas de reforço de 1ª a 4ª série. Foi quando algumas amigas convidaram-me para ajudá-las no exame de admissão para o exercício do Magistério. Resolvi aceitar o convite e até me escrevi também. Para minha surpresa, fui aprovada e não tinha nenhum interesse em fazer o curso porque não era isso que eu queria, porém, a insistência das amigas fez com que eu fizesse minha matrícula.

O que eu realmente não gostava era aquela farda super careta da Escola Normal. Mas com o passar do tempo passei a gostar do curso. Não foi fácil concluir, pois, nesta época eu estava com dezenove anos e já trabalhava para ajudar em casa, e com isso não sobrava tempo para estudar e fazer os trabalhos que eram exigidos. Durante o curso aconteceram muitas greves, onde fez com que o curso se estendesse além do previsto. Terminei o Magistério em 1.990, com vinte e três anos e aí é que aumentaram os problemas. O maior deles era a falta de emprego na área educacional.

Nesta época recebi um convite de amigos para tentar um emprego aqui em Rondônia, então aceitei o convite. Chegando aqui, logo comecei a trabalhar, foi em uma Escola chamada “Barão dos Solimões” com a 1ª série. Lá trabalhei durante dois anos. E logo em seguida fiz o concurso para Rede Municipal em Educação, e fui aprovada e solicitada à trabalhar. A escola da qual fui lotada foi no instituto da Educacao e lá passei a trabalhar com a 4ª série.

Nesta época eu morava com três irmãs e dividíamos todas as despesas. A nossa convivência era harmoniosa na medida do possível, às vezes me sentia deslocada, pelo fato delas serem parentes.

Algum tempo depois resolvi procurar um outro local para morar. Conheci um rapaz em meu trabalho, chamado W. e com ele fui dividir a moradia. Esta foi a melhor época da minha vida, pois a nossa convivência era maravilhosa, tanto no trabalho como em casa. Nós sempre procurávamos respeitar a individualidade um do outro. Nesta época comecei a fazer cursinho pré-vestibular e resolvi prestar exame para o Vestibular de Pedagogia UNIR – SEMED, do qual fui aprovada e mesmo não tendo certeza se era o que eu realmente queria, resolvi fazer o curso e passei a gostar cada vez mais, principalmente porque me fez crescer na área educacional da qual atuo.

Durante o curso, conheci Roberto, o qual casei-me, está sendo uma experiência maravilhosa, pois para mim o relacionamento a dois de maneira duradoura era nova, porque eu estava sempre voltada a estudar e trabalhar, essa parte eu deixava por último.

Recentemente mudei de escola, atualmente estou na Escola Maria Izaura, desenvolvendo um trabalho interessante com crianças de 4ª série e estou gostando muito, até porque estou procurando desenvolver no meu trabalho aquilo que venho aprendendo e que fez com que eu mudasse algumas idéias ultrapassadas.

Com isso, espero continuar crescendo profissionalmente, principalmente nesta nova era em que estamos vivendo.

AUTOBIOGRAFIA 15

Eu, E. G. S., nascida em 21/01/64, natural do Núcleo do Iata (Guajará Mirim), no Estado de Rondônia, estado civil casada.

Nessa retrospectiva de minha vida, abordarei os fatos mais relevantes relacionados a escolaridade, ao profissional e fatos pessoais.

De 0 a 09 anos morei no Núcleo do Iata e Vila Nova do mamoré, interiores próximos a Guajará Mirim. As brincadeiras se resumiam em casinha com bonecas de pano, roubar bandeira, queimada, amarelinha e as brincadeiras de roda.

Aos 08 anos comecei ir à Escola, mas não conclui a 1ª série, repeti outra vez, também não obtive sucesso, pois além de já morarmos num lugar onde a escola era precária, meus pais tinham que trabalhar nas chamadas linhas onde nem escola existia, com isso, não pude estudar na faixa etária adequada.

No final do ano de 1973, meus pais decidiram ir embora para Guajará Mirim e no ano seguinte com 10 anos de idade comecei a estudar de verdade. Então meu 1º grau ficou assim registrado: 1ª série – 1974 ; 2ª série – 1975; 3ª série – 1976; 4ª série – 1977; 5ª série – 1978; 6ª série – 1979; 7ª série – 1980; 8ª série – 1981.

Quando eu estava cursando a 7ª série, fiquei grávida, casei-me dia 10 de outubro de 1980. Minha filha nasceu dia 05 de abril de 1981. Antes de iniciar o 2º grau já tinha decidido que iria cursar magistério, pois era o único que me daria uma profissão. Meu 1º ano foi concluído 1982, ainda em Guajará Mirim, neste mesmo ano fui admitida pela Prefeitura para ministrar aulas numa 2ª série, substituindo uma professora com licença maternidade.

Em janeiro de 1983, eu e minha filha viemos passear em Porto Velho, pois os meus pais e os de meu esposo haviam mudado para cá em outubro de 1982. Ao chegar aqui, apesar de ter achado a cidade muito suja, decidi ficar para morar, escrevi uma carta para meu esposo comunicando o fato e pedi ao mesmo que viesse e trouxesse minha transferência e o que fosse possível. E assim aconteceu. Matriculei-me no Instituto Estadual de 1º e 2º graus Carmela Dutra e cursei o 2º e 3º ano magistério, concluindo então meu 2º grau em 1984, com 20 anos de idade.

Em maio de 1985, fui admitida como professora magistério, pelo Município de Porto Velho, já estava grávida do meu 2º filho, este nasceu no dia 10 de outubro de 1985. Ao ser admitida fui colocada na Escola MI e numa 4ª série, antes de concluir o ano sai de

Licença maternidade, quando retornei em 1986 fui para uma 3ª série. Em novembro deste mesmo ano houve eleições para direção na referida escola, concorri como vice-diretora, a chapa que fiz parte foi eleita e em janeiro de 1987 tomei posse. Em 1988, pedi exoneração do cargo, pois tive que mudar para um novo bairro (TN), o mesmo ficava distante e de difícil acesso, além disso, ainda não existia horário corrido: ao sair desta escola, assumi a direção do Jardim de Infância Cinderela no Bairro JK, após fui para a Escola Municipal AF, ministrar aulas numa 2ª série, não cheguei a concluir o ano todo porque o Secretário de Educação que era o Senhor AC pediu-me que assumisse a Direção da Escola Bom Princípio, fiquei nesta escola apenas 07 meses devido ao presidente de bairro querer que eu rezasse de acordo com a cartilha dele, o mesmo não aceitava dialogar.

Saindo desta fui para o Instituto Municipal de Educação Engenheiro Francisco Erse, ministrei aula durante 03 anos para 3ª série.

Em 1995 sai de Licença prêmio por 6 meses, neste mesmo ano fui admitida pelo colégio Objetivo (escola privada) para ministrar aulas de Português para 2ª, 3ª, e 4ª série, fiquei nesse colégio 02 anos e 09 meses, saí devido ao acúmulo de atividades, pois ao retornar de licença pelo município, fui coordenar o cursinho pré-vestibular da SEMED, quando este chegou ao final fui para a Escola de Trânsito (onde estou atualmente), e nesse mesmo período eu já estava fazendo o curso de Pedagogia. E por falar em curso, somente após 08 anos da conclusão do 2º grau é que eu comecei a batalhar pelo 3º. Em 1992, prestei meu 1º vestibular para Pedagogia, não fui classificada, resolvi fazer cursinho e tentei novamente para Pedagogia em 1994, também não fui aprovada, fiz mais um ano de cursinho e prestei vestibular para Psicologia o resultado mais uma vez foi negativo. Logo em seguida, surgiu as inscrições para o curso UNIR/SEMED eu não queria fazer porque o mesmo, qualificava apenas para ministrar aulas nas séries iniciais, mas através do estímulo de uma amiga, resolvi, já no último dia, me inscrever, fui aprovada, precisei novamente de muito incentivo para ingressar no referido curso. Hoje, agradeço muito todas as pessoas que me motivaram. Dentre elas uma me dizia sempre: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

AUTOBIOGRAFIA 16

Minha História

Sou S.F.V., nasci em 1963, em Vista Alegre, baicho madeira no município de Porto Velho/RO, filha de A.F.S. e M.F.S. , sou casada tenho duas filhas, a minha região é a católica.

Vivi neste lugar que nasci até os quatro anos de idade e mudamos para outra localidade vizinha. Lá comecei meus estudos, minha mãe conta que eu tinha muita vontade de ir para a escola, mas não tinha idade, nesta escola só podia iniciar os estudos da 1ª série em diante, a partir dos sete anos e eu só tinha cinco anos. Ma como meu tio era professor naquela escola ficou mais fácil, minha mãe conversou com ele e deu tudo certo ele aceitou eu ficar na escola como ouvinte. Fiquei estudando como ouvinte durante dois anos, até que completasse sete anos para ser matriculada a cursar a 1ª série.

Minha mãe conta que um certo dia, depois que eu já estava matriculada, não queria mais ir para a escola, estava ficando preguiçosa. Ela pegou um cipó e me deu uma surra, dizendo que quando eu era menor, queria ir para a escola e agora que já estava maior, matriculada, não queria mais ir. A surra foi um remédio, nunca mais fiquei com preguiça de ir a escola, chorava no dia que minha mãe dizia para eu não ir, que ficasse tomando conta de meus irmãos mais novos, para que ela fosse ajudar meu pai na roça, que nessa época era agricultor.

Nesta escola fiz até a 3ª série. E tivemos que nos mudar novamente para outra localidade mais distante, pelo motivo de meu pai ter conseguido um emprego de professor, isto aconteceu no ano de 1978. A 4ª série, cursei estudando com meu pai.

No decorrer de todos esses anos sofri um pouco, sendo a filha mais velha do casal, desde pequena tive que aprender a tomar conta de casa, para que minha mãe pudesse ajudar meu pais nos serviços da roça. Quando minha mãe chegava em casa que as coisas não estavam em ordem, ela me brigava e me batia, tinha que está atenta a tudo. Tive uma criação muito rígida, era muito presa, não tinha liberdade pra nada. Era aquela história «faz o que eu mando e não faz o que eu faço». Não podia reivindicar alguma coisa que mandava calar a boca e se não calasse pegava uma surra. Hoje não guardo rancor, nem mágoa de meus pais por ter sido criada assim, valeu, aprendi muita coisa pra vida, graças a Deus.

Depois que terminei a 4ª série, fiquei parada, lá só ensinava até o primário, e fiquei ajudando meu pai na sala de aula por alguns anos.

Quando completei quatorze anos, meu pai resolveu me colocar para estudar aqui na cidade de Porto Velho, fiquei morando na casa da minha tia, estudando no Colégio Brasília, onde cursei a 5ª série ginásial. Quando fiquei de férias fui passar a casa de meus pais, e não quis mais voltar, por motivo de não ter me adaptado na casa de minha tia.

Meu pai respeitou a minha decisão e disse que eu iria ficar ajudando-o na escola, e assim foi. Quando completei dezoito anos meu pai conseguiu um contrato de professora de 20h, o mesmo tive data retroativa e fiquei no quadro federal, isto aconteceu no ano de 1982. E fui lecionar em uma localidade vizinha da que ele trabalhava.

Comecei o trabalho com 20 crianças, entre elas tinha 1ª, 2ª e 3ª série. Nesta localidade enfrentei muitas dificuldades, não tinha escola, onde eu dava aula, era em uma casa abandonada, só coberta e assoalhada de pasciuba e sem paredes.

Longe de casa, dos meus pais, fui morar com uma família que me tratava muito mal. Nesta casa que eu morava só tinha um quarto, e a sala era sem paredes e era lá que eu dormia. Quando ia chegando a noite eu já ficava triste em pensar naquela escuridão, onde só escutava os grilos cantarem, e o desespero batia, o medo, eu chorava e vinha mil e uma coisa na minha cabeça, imaginava como seria o dia de amanhã e acabava adormecendo. Apesar de muito sofrimento acredito que fui muito corajosa, por não desistir, enfrentei tudo, e trabalhei um ano nesta localidade.

No ano seguinte meu pai foi transferido para Porto Velho, e fiquei sozinha no interior, longe da minha família. Não quis mais ficar naquela localidade e pedi para a Secretaria de Educação que me colocasse em outra escola.

Mudei para a localidade «Sobral», neste lugar a escola tinha mais condições de trabalho. E fui morar com uma família e fui muito bem recebida, lá eu tinha um quarto só pra mim, a casa era mais confortável. Passei m ano e mudei para outra localidade, onde não tinha escola, e fui dar aula na sala do pai de um aluno. No mesmo local eu fiquei morando. Mas só durou um ano.

Nestas três escolas que trabalhei, eu tinha inúmeras funções: professora, merendeira, zeladora, secretária, etc. Não sei como dava conta, mas dei, era um trabalho muito difícil. Quando chegava o fim do dia, eu já ficava imaginando como seria o dia seguinte, como ensinar aquelas crianças, como despertar o interesse de cada uma, isso pra mim era uma tortura.

Neste mesmo ano, ou seja, no ano de 1984, conheci meu marido, passamos um ano namorando e casamos, Aí complicou, meu marido trabalhava na cidade e eu no interior. Como iria ser essa nossa convivência?

Fui a secretaria e insisti que me desse transferência para a cidade por motivo de ter me casado Foi difícil mas consegui, fui humilhada por uma pessoa do departamento, porque não era formada. Essa pessoa disse para uma outra que estava lá com ela «essa daqui veio do mato» e olhou para mim e disse que se ela recebesse qualquer reclamação da supervisora da escola que eu estava sendo lotada, eu iria voltar para o lugar de onde eu tinha vindo.

Quando sai de lá, muito chateada prometi a mim mesma, que aquela pessoa nunca iria receber nenhuma reclamação sobre mim. E de fato nunca recebeu. Comecei a fazer o «Logos II».

Tudo deu certo, fui trabalhar na Escola P.B. Neste mesmo 1985 fiquei grávida de minha primeira filha, foi uma gravidez muito problemática, mas trabalhei até a véspera de ganhar o bebê, que nasceu no mês de agosto.

No ano seguinte, por ironia do destino, fiquei grávida da segunda filha e ganhei-a no mês de agosto de 1996. Já estava envergonhada de dois anos consecutivos está de licença maternidade. Mas apesar de tudo fiz um bom trabalho, nunca recebi nenhuma reclamação da supervisora. Trabalhei nesta escola durante dois anos e tive que sair, porque mudei para outro bairro e fui para a escola mais próxima.

Fui lotada na Escola M.I., no ano de 1987. No ano seguinte, ou seja, em 1988 conclui o curso «Logos II» e continuei na Escola M.I.

No ano de 1991, fiz um concurso pelo município, para professora e passei, em 1992 fui contratada e me colocaram para SEMAC, para trabalhar em uma creche comunitária, mas continuei na Escola M.I. pelo outro contrato. Esta creche era tão longe da minha casa, que tinha que atravessar a cidade e sair com escuro para poder chegar as 7:00 hs. Não gostei de trabalhar naquele local, não estava acostumada a lidar com crianças muito pequenas, ter que dá banho e comida. Comecei a lutar para sair de lá, mas não conseguia, só se eu achasse uma professora que quisesse trocar comigo. Até que consegui.

Com muitas persistência, depois de seis meses consegui sair de lá e fui para a Escola M.I., e fiquei trabalhando os dois horários. Mas em 1993 houve uma mudança tive que sair da Escola M.I. de um horário, e fui para a Escola Major Guapindaia, onde

trabalhei três anos, e sai, porque aconteceu mudança no horário e chocou com o horário da outra escola. Sai novamente e fui para a Escola 21 de Abril, onde trabalho atualmente.

A luta continuou, em 1994 fiz o vestibular para Administração mais não consegui ser aprovada. Não desisti, outra oportunidade apareceu, no ano de 1995 surgiu o vestibular para o curso de Pedagogia, para os professores de pré a 4ª série do município de Porto Velho. E por incentivo de colegas e também do meu marido, resolvi fazer minha inscrição, mesmo despreparada, com a mínima chance de passar, me senti na obrigação de pelo menos tentar e assim fiz. Quando soube que tinha sido aprovada, pra mim foi uma surpresa muito grande.

Fiquei muito feliz, esquecendo que se pra entrar para a faculdade é difícil, que para sair é muito mais. No ano de 1996 comecei a estudar, aí complicou tudo, trabalhava de manhã, à tarde e a noite, na faculdade, minha vida virou um inferno, e continua. Há momentos que me dá vontade de jogar tudo por alto, não aguento tantas cobranças do trabalho, do estudo e principalmente da família, mas depois eu penso que preciso de um emprego e de me aperfeiçoar, para desempenhar um bom trabalho.

Não gosto de ser professora, eu estou nesta profissão, porque não tive opção, como já contei no início. Aconteceu por ironia do destino. Hoje, continuo porque está muito difícil de arranjar emprego, e eu preciso desse salário, pouco mais ajuda.

Meu sonho era ser executiva, não sei se um dia realizarei, tenho esperança de não terminar minha vida profissional em uma sala de aula, de logo sair dessa profissão, tenho dezessete anos em sala de aula, estou me sentindo muito estressada, tem dia que vou trabalhar forçada, sou muito responsável e não gosto de ficar faltando no trabalho, mas não sinto vontade nem de levantar da cama. Trabalho a semana inteira fora, quando chega final de semana triplica a luta, faço todo o serviço de casa, sem contar ainda com os trabalhos da escola e da faculdade. Quem aguenta? Não tenho ninguém em minha casa que possa me ajudar, o salário é muito pouco e não dar para pagar empregada. Durante a semana quando chego em casa no horário de doze horas, ainda vou fazer alguma coisa para comer, pra 13:30 hs, já está iniciando o trabalho na outra escola. E quando saio não dar tempo para ir em casa, pelo menos tomar um banho, vou direto para a faculdade.

Mas apesar de tudo, sou uma pessoa muito responsável, procuro dar o melhor de mim. Eu comparo a minha profissão com a comida que faço. Não gosto de fazer comida, mas quando a vou fazer, faço com muito carinho e dedicação, colocando todos os temperos para que essa comida fique deliciosa, para quem for comer, coma com prazer, não somente

para matar a fome. Assim faço na minha sala de aula, procuro sempre desempenhar um bom trabalho.

As vezes acredito que no fundo do meu eu, sinto que gosto do que faço, mas existe algo que não consigo explicar, diz que não.

AUTOBIOGRAFIA 17

Em Manicoré nasce Z.G.C.C., no março de 1964, filha de F.O.C. e B.G.C. Mudou-se para Porto Velho – RO, instalaram-se no baixo Aerial, rua A.G., onde reside até hoje.

A minha infância aconteceu nesse bairro, com muita dificuldade, meus pais tiveram que trabalhar para sustentar a família. Eram analfabetos, a minha mãe lavava roupa para fora e meu pai ajudante de pedreiro. Onde morávamos todos se conheciam, com toda a situação crítica, mas conseguíamos nos divertir, no final da tarde a garotada juntavam-se para brincar de roda, de boneca, de bola etc.

Naquele período o mês de junho eram feitas grandes fogueiras e as pessoas ficavam em sua volta, brincavam de quadrilha na rua, o mais interessante era a festa do boi-bumbá, o mesmo era escondido na mata e um grupo ia caçá-lo até encontrá-lo, só depois disso que começava a dança do boi.

Em 1974, ingresso pela primeira vez na escola com a idade elevada para a primeira série, com 10 anos de idade. Segundo a minha mãe, era uma criança pequena e magra. Comecei no SESI no bairro Aerial, estudei às quatro primeiras séries do primário (1974 à 1977), quem comandava o instituto era um Padre (já falecido Padre M.), a mesma ficava perto da igreja nossa Senhora de Fátima, na frente da escola tem um campo grande, onde brincávamos de bola e fazíamos recreação, também um pátio agradável.

Na escola aprendíamos ler e escrever, mas também pintar, bordar, crochê etc, com esses trabalhos realizávamos exposições para a comunidade. Eu adorava marchar dia 7 de setembro, sempre saía como destaque em algum pilotão, uma vez sai vestida de enfermeira me sentia tão bem, em todos os eventos que aconteciam eu gostava de está presente tanto no colégio como na igreja, onde estudei o catecismo, fiz a primeira comunhão, a crisma, freqüentava as missas aos domingos e após a missa havia brincadeiras, campeonato de futebol etc. Sempre que havia festa, fazíamos limpeza na escola e na igreja; todos gostavam de participar. Nas festas juninas era divertido fazíamos arraial, com danças típicas, a minha participação era na quadrilhas como noiva da mesma.

Quando lembro sinto saudade, éramos uma turma legal, divertida, unida e participativa. Na época o SESI já nos auxiliávamos com assistência médica, odontológica e professores maravilhosos.

Em 1978, começo no colégio Estudo e Trabalho (1978 e 1979) estudei 5ª e 6ª série, neste estabelecimento de ensino a clientela era de adolescente e vários já eram conhecidos, por que a escola era no mesmo bairro. O que achei estranho a troca de professor, não existe um contato mais próximo nem do professor e nem do aluno. O estudante tem que se virar para aprender e acompanhar.

Durante esse tempo que estive nesta escola, conseguir adaptar-me muito bem, comecei a treinar basquete para jogar no (JOER), era realizado na capital, vinha time de todo o interior e havia várias modalidades de esporte. Foi nesse tempo que comecei a namorar com 14 anos, com um rapaz de 18 anos, escondida dos meus pais.

A minha irmã mais velha morava com a madrinha dela, ela me levou para morar com ela na Av. 7 de setembro.

Em 1980 passo a estudar no instituto M.A. 7ª, 8ª série (1980 e 1981) e a metade do 1º ano do segundo grau (1982). A formação desta escola, tanto educacional como religiosa é maravilhosa, além das disciplinas normais tínhamos aulas de culinária, pintura, canto com a irmã acompanhando no piano ou na flauta, missa etc. Continuei a jogar basquete e tênis de mesa, entrei na fanfarra para tocar no dia 7 de setembro no desfile.

Quando terminava o desfile marcavam uma data para a disputa de fanfarras no Estádio A.F., de todas as escolas que queriam participar do concurso.

Eu achava maravilhoso, quando tínhamos que ensaiar cânticos para a procissão junto com os alunos do colégio D.B., era engraçado os padre e as freiras ficavam vigiando os alunos para não se aproximarem. Logo na descida do colégio no C.L. era o ponto de encontro para conversas e paqueras, às irmãs chamava de São Lacerda.

Em 1978 um abalo na família à morte do meu irmão mais velho de acidente de moto, estava com 23 anos.

Em 1982 – Saio do colégio M.A. para me casar, estava grávida do meu namorado já fazia 4 anos que estávamos namorando e nunca havia pedido permissão para namorar em casa. Meus pais ficaram decepcionados quando souberam do acontecido, mas aceitaram o casamento.

Casei-me em 1982 com C.R.C. na igreja Catedral. Dois meses depois nasceu a minha 1ª filha R.C.C.

Em 1982 entrei no Instituto C.D., não consegui concluir o ano devido a minha gravidez. No ano seguinte (1983) voltei a estudar, onde fiz o magistério de (1983 à 1985).

Foi difícil conciliar, estudo e família, mas enfrentei com muita garra e dedicação e conseguir concluir em (1985).

Terminei o magistério, fui atrás de trabalho na Prefeitura, a minha intenção era arranjar qualquer coisa. Uma colega que trabalhava lá, conversou comigo e me disse que o melhor era ser professora, eu poderia trabalhar 20 hr e o outro tempo cuidar da minha família, e outra coisa recesso no meio e final de ano.

Em 1986 começo a trabalhar na escola M.I.C.C. com uma primeira série, que a supervisora me colocou, retirando outra professora da sala.

No primeiro ano o trabalho foi difícil, mas o resultado no final do ano foi bom. Continuei na primeira série por vários anos, sempre buscando coisas novas e interessante para aplicar em sala. Trabalhei também na 2ª série, mas não gostei muito e voltei para a primeira.

Em 1988, nasce minha Segunda filha C., houve alguns problemas na gravidez também, mas não foi tão sério.

Quando voltei da licença maternidade, retornei para a mesma escola e fui trabalhar na primeira série novamente.

A direção da escola me solicitou para trabalhar com a alfabetização de 6 anos e eu aceitei, o desafio com a criançada e gostei muito. Eu sempre sou muito dedicada naquilo que faço, e procuro cada vez mais melhorar a minha prática.

Eu também fui convidada para trabalhar na sala de apoio da escola, um projeto da SEMED, onde eram atendidas crianças que segundo eles, não tinham capacidades básicas necessárias para o aprendizado da leitura e escrita.

Eu sempre fui muito participativa, na escola onde eu trabalho até hoje, como nos cursos de capacitação que são oferecidos por qualquer órgão, tenho vários certificados e me orgulho muito dessa minha participação.

Em 1993, no Instituto C.D., fiz um ano de estudos adicionais com qualificação de estudos adicionais para ministrar aulas de alfabetização.

Em 1996, realizo um sonho, fazer um curso superior, com objetivo de aprender mais e poder ajudar com maior prazer às crianças da escola que necessitam tanto do nosso apoio. Já faz 13 anos que eu trabalho na mesma escola e gosto de participar de todos os acontecimentos que são realizados. Faço parte do conselho da escola, de um projeto chamado PDE Planejamento de Desenvolvimento da Escola, coordenado pelo MEC.

No ano passado ficamos sem supervisora, a direção me convidou para esse cargo e eu aceitei mais esse desafio, onde estou atualmente.

Este ano fui escolhida através da classificação do meu currículo, para fazer parte de um projeto da SEMED, junto com a UNIR para trabalharmos com professores da zona rural.

AUTOBIOGRAFIA 18

MINHA AUTOBIOGRAFIA

Eu, T.S.C., nasci no dezembro de 1966, em Porto Velho-RO., morava na rua T.A. Filha de uma família humilde, composta por sete pessoas. Segunda filha do casal F.S.C. e J.S.C. , casados. Ele taxista e ela costureira.

Aqui, começo a escrever um pouco sobre a minha vida, minha infância, minha adolescência e minha juventude.

De 1 a 5 anos, pouca coisa eu me recordo, sei que era uma criança tímida e que vivia grudada na barra da saia de minha mãe. Minha mãe, uma pessoa doce, generosa, amiga e protetora. Meu pai um homem trabalhador, por causa de seu trabalho, ele ficou muito ausente na minha infância, trabalhava dia e noite para dá um pouco de conforto à família.

Lembro-me melhor das coisas apartir dos meus 6 anos de idade, sei que adorava brincar com meus amiguinhos na rua de casa, era de costume, depois da janta, todos se reunirem na frente de suas casas, os adultos conversavam e nós crianças fazíamos aquela bagunça. Brincávamos de roda, de pega-ladrão, de esconde-esconde e outras, as brincadeiras ficavam mais divertidas, quando era noite de lua cheia, a rua ficava toda iluminada e nós nos divertíamos a valer. Nesse tempo, ainda não tínhamos a famosa televisão.

Com 7 anos de idade fui matriculada na 1ª série na Escola SESI, nos primeiros dias de aula, sofri um bocado, eu não tinha sido preparada para freqüentar uma sala de aula, me sentia obrigada a ficar com uma mulher, totalmente desconhecida, que eu nunca tinha visto antes, era muito difícil pra mim entender, porque eu tinha que ficar ali, naquele lugar, metade do dia, se antes, eu ficava o dia inteiro em casa. O mundo que eu conhecia, era minha família e meus amigos da rua, então eu chorava desesperadamente.

O tempo foi passando e eu comecei a gostar de estudar, acostumei a conviver com meus amigos da sala de aula e com a professora. Estudei na Escola SESI da 1ª a 4ª série do primeiro grau, cursando a 4ª série com 10 anos de idade, era uma aluna estudiosa e organizada, sempre elogiada pela professora.

Uma das boas lembranças de minha infância, é quando íamos passar férias na casa de minha tia, que morava numa mineração chamada "mineração Jacundá", cidade bonita, pacata, sem muito movimento de carro, povoada por pessoas simples. Lá era ótimo! Foi lá que eu com nove anos de idade aprendi à andar de bicicleta.

Dos 11 aos 15 anos de idade, estudei na Escola Estudo e Trabalho. Cursei de 5ª a 8ª série do 1º grau. Minha adaptação nessa escola, foi rápido, porque tinha bastante amigos meus da escola anterior que eu freqüentava, matriculados e estudando junto comigo.

Minha mãe foi uma pessoa muito presente nos meus estudos e de meus irmãos. Ela se desdobrava em serviços para poder comprar nosso material escolar, acho que ela queria compensar nos nossos estudos, aquilo que ela não tivera tido antes quando criança. Só depois de casada que ela e meu pai, freqüentaram uma sala de aula, estudaram juntos até a 2ª série do 1º grau. Meu pai continuou até a 4ª série, minha mãe teve que parar os estudos, porque nós éramos pequenos e ficávamos só em casa e minha irmã mais velha estava muito doente.

Eu com 12 anos de idade, ocorre na minha família, o nascimento do meu terceiro irmão. É um menino, para felicidade do meu pai de toda família. Mas nossa felicidade dura pouco, quando meu irmão estava com dois meses de idade, morre minha irmã mais velha. Foi uma tragédia na família, não gosto nem de lembrar, passei um tempão chorando essa perda, até hoje não me conformo com essa peça que a vida preparou para mim. Mas, como o tempo se encarrega de tudo, se encarregou de aliviar em pouco a minha dor. Como o tempo não para, tive que aprender a viver com a ausência de minha irmã.

Já adolescente, continuei meus estudos e com quinze anos, terminei meu 1º grau.

Tendo que cursar o 2º grau, minha mãe achou por bem eu fazer o curso colegial na Escola "B.S.", porque era um curso feito durante o dia e além do mais iria me preparar para passar no vestibular. Mas, nem tudo que se planeja dá certo, esse não deu. Não gostei do curso, fiz o primeiro ano, passei para o segundo ano e não queria continuar o curso, foi aí, então que reprovei, minha mãe insistiu. Fui rematriculada, reprovei novamente, estava com dezoito anos, minha mãe vendo que eu não queria mais estudar, arranhou-me um emprego, na Prefeitura Municipal de Porto Velho. Comecei a trabalhar

como telefonista, no mesmo ano pedi transferência para trabalhar na secretaria da Escola P.C., pois fica bem próxima de minha casa.

Já trabalhando, voltei a estudar, só que agora, na Escola Estudo e Trabalho, estudava a noite e em dois anos concluir meu 2º grau. Recebi meu diploma de Técnica em Contabilidade, estava com vinte anos de idade.

Esses dois anos, que estudei à noite foram fantásticos. Sabes porque? Vou te contar.

Mudou-se para perto de casa, um rapaz que tinha vindo de Goiânia tentar a vida aqui em Porto Velho, ele, lindo, alto, moreno, do jeito que sempre sonhei.

Por não Ter família aqui, ele almoçava e jantava todos os dias em um restaurante que ficava no caminho da escola. Então todos os dias, ele ficava me esperando, para irmos conversando até a minha casa. Ele contou-me sobre sua vida, sua família e eu sobre a minha, ficamos nos conhecendo melhor e começamos a namorara. Foi divino! Ele era tudo que eu tinha pedido a Deus. E como Deus é maravilhoso, atendeu o meu pedido.

Durante cinco anos, namoramos, noivamos e casamos. Compramos uma casa no conjunto Santo Antônio e mudamos pra lá. Continuei a trabalhar na secretaria da escola. Sempre faltava um professor de 1ª a 4ª série e eu ia substituí-lo, comecei a gostar da profissão, foi aí que resolvi fazer o magistério.

Matriculei-me na Escola C.D., como já tinha feito o 2º grau antes, começo o magistério no 2º ano, pois o 1º ano é básico, não precisaria ser feito de novo. Conclui o curso com 26 anos.

Nesse meio tempo, tive meu primeiro filho, R., uma criança linda, uma benção de Deus. Uma das emoções mais forte da minha vida.

Fiz o concurso para professora na rede municipal, passei, e comecei a dá aula na mesma escola em que já trabalhava. Lecionando para alunos de 2ª série, senti-me realizada profissionalmente.

Em 1995, abre-se inscrições para o concurso de vestibular para os professores municipais, um convênio Unir / Semed. Fiz minha inscrição, consegui passar. Eu e meu marido, ficamos super felizes, pois ele sempre me incentivou a estudar, sempre acreditou nos meus estudos.

Iniciam-se as aulas, eu fico fascinada com que aprendo. Se bem que antes eu já tinha a minha prática, só faltava a teoria para eu entender melhor sobre a educação.

Minha visão sobre educação começa a se abrir, passo a trabalhar com métodos diferentes. Se antes, meu trabalho era bom, hoje está cada dia melhor. Estou sempre trocando experiências com minhas colegas, se meu aluno que tem dificuldade na aprendizagem não aprendi de um jeito, tendo outro método e assim estou conseguindo meus objetivos na educação dos alunos.

No segundo ano de faculdade, nasce meu segundo filho, R.J., outra criança linda e saudável. Mais o inesperado acontece, Júnior com 4 meses de idade, fico grávida pela terceira vez. Aflita com a notícia, ficava a pensar. Como iria continuar a trabalhar e a estudar, tendo que cuidar de dois bebês?

O tempo foi passando, nasce R., uma princesinha, linda. Hoje R está com 3 meses de idade. Graças à Deus, ao meu marido e a minha família, principalmente a minha irmã, que me ajuda muito, cuidando dos meus filhos a noite, enquanto vou para a universidade, continuo estudando e só pretendo parar de estudar, quando o curso terminar, porque eu sei que “o Senhor é meu pastor e nada me faltará”.

AUTOBIOGRAFIA 19

RETRATO DE MINHA VIDA

Nasci no janeiro de 1962, às 14:00 horas, na minha residência, pois na minha época as mães tinham filho em casa com as senhoras chamadas de parteira.

Filha de M.T.R. e R.A.P.R., morava no distrito de São Carlos, baixo Madeira. Meus pais tinham uma vida muito simples, mais em relação aos moradores do vilarejo, éramos privilegiados, pois minha mãe era diretora da Escola H.D., a única do local, e meu pai tinha um comércio de secos e molhados e barcos de pesca. Somos uma família de dez irmãos, seis mulheres e quatro homens. Quando minhas irmãs iam terminando a quarta série do primário vinham para a cidade de Porto Velho morar e estudar no colégio M.A.

Quando completei meus 08 anos meu pai viu que não dava mais para continuar morando lá, pois o meu irmão tinha terminado a 4ª série do primário e precisava continuar seus estudos, então viemos morar em Porto Velho. Minha primeira escola aqui em Porto Velho foi a Escola Estadual F.R., onde estudei com a professora Antonieta Saraiva, hoje já falecida, nunca esqueci dessa minha professora, estudei na mesma escola até a 4ª série do primário, depois fui estudar no Colégio C.D., onde conclui meus estudos, fazendo o curso de Magistério.

Fui uma criança muito feliz, pois fazia tudo que uma criança normal faz, acreditei no Papai-noel até os 08 anos, brincava de casinha, e fui crescendo, nunca esqueci da nossa 1ª televisão que era a única do bairro, meu pai, colocava no comércio e todos os vizinhos vinham assistir a novela anjo mal e a copa do mundo, de 74. Fui crescendo até que mudamos de bairro, onde meus pais vivem até hoje. Cheguei a adolescência num período difícil, acho que todos passamos por esta processo de transformação, comecei a namorar, meus pais não queriam, namorava escondido, deixava de ir ao colégio para ir no matiné, mas nunca reprovei, não gostava de estudar muito, só estudava para passar de ano.

Aos dezoito anos conheci um rapaz pelo qual me apaixonei e namorei um ano e meio, fiquei grávida, fui mãe solteira aos dezenove anos, então dei um novo rumo à minha vida, pois meu namorado não assumiu o relacionamento, só tive apoio da minha família quando minha filha estava com quatro meses, consegui meu primeiro emprego como professora em final de 1981, fui trabalhar no C.D., sem experiência alguma me deram uma sala de alunos da primeira série, “problema”, todos já tinham sido reprovados mais de uma

vez, apesar de não Ter experiência, gostei muito, mas devido ao fato de Ter uma filha recém nascida, e não ter terminado o segundo grau, ficava muito puxado para mim passar o dia todo fora, e a noite também, então resolvi vir trabalhar perto de minha casa, que foi o jardim de infância S.J.B. Lá trabalhei um ano com turma de cinco anos, gostei muito, mas a diretora me convidou para assumir a vice-direção, onde fiquei por cinco anos,.

Depois foi feito uma creche no bairro Costa e Silva, e fui convidada pela diretora para assumir a vice-direção, onde trabalhei por quatro anos, depois fui convidada pelo secretário Á.C. para assumir a direção da escola Rio Madeira, perto do Parque Ecológico, só que era muito longe de minha casa, passei quatro anos na escola, depois fui trabalhar na SEMED, na divisão de alimentação escolar, onde assumo hoje a direção da Divisão da Merenda Escolar do Município de Porto Velho. Como a senhora pode observar, não tenho experiência alguma como professora, adoro o serviço que faço.

Quanto minha vida pessoal, depois que tive a minha filha, fiquei mãe solteira por um período de quatro anos, depois conheci um rapaz que namorei por um ano e meio, hoje mau marido atual, com o qual tive um filho que hoje tem dez anos, hoje minha filha está com dezessete anos, fazendo o terceiro ano do segundo grau, um exemplo d moça, só pensa em estudar para fazer faculdade de odontologia. Meu filho está na quarta série, depois de doze anos voltei a estudar com incentivo do meu marido, hoje tenho certeza que não vou parar mais, pois cada dia que passa pretendo crescer.

Minha vida é esta, normal como quase todas, final de ano vou passar férias com minha sogra que mora no Rio de Janeiro, final de semana saio com a família para algum clube ou casa de amigos e família, e vou levando uma vida normal.

POEMA DE CASSIMIRO DE ABREU: MEUS OITO ANOS, EU NUNCA ESQUECI,
MARCOU MUITO MINHA VIDA.

Óh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonho, que flores,
Naquelas tardes fogueiras à sombra das bananeiras

Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira alma inocência
Como o perfume a flor
O mar- é logo sereno
O céu- o manto azulado
O mundo- um sonho dourado
A vida – um mimo d' amor

Que auroras, que sol, que vida
Que noites de melodia
Naquela doce alegria
Naquele ingênuo folgar!
No céu bordado de estrelas,
A terra de aromas cheias
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar (...)
Nesta risonha manhã
Em ver das máguas de agora
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias

E beijo de minha irmã! (...)